

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CENTRO DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO
ESPECIALIZAÇÃO EM LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR

TEXTOS EM MOVIMENTO: MEMÓRIAS DE PRÁTICAS LEITORAS

ELIONE MARIA NOGUEIRA DIÓGENES

FORTALEZA

JUNHO, 2005

TEXTOS EM MOVIMENTO: MEMÓRIAS DE PRÁTICAS LEITORAS

ELIONE MARIA NOGUEIRA DIÓGENES

Orientadora: Prof^a Dr^a Lídia Eugênia Cavalcante

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Leitura e Formação do Leitor, da Universidade Federal do Ceará – UFC, como requisito à obtenção do grau de especialista em Leitura e Formação do Leitor.

FORTALEZA -CE

2005

Esta monografia foi submetida à Coordenação do Curso de Especialização em Leitura e Formação do Leitor, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Leitura e Formação do Leitor, outorgado pela Universidade Federal do Ceará – UFC e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que feita de acordo com as normas de ética científica.

Elione Maria Nogueira Diógenes

MONOGRAFIA APROVADA EM 28/06/2005

Profª Drª Lídia Eugênia Cavalcante
Orientadora

Desejo dedicar às pessoas que ao longo de minha existência constituíram-se em verdadeiros textos, onde a minha sede de ler livros e gente, assumiu a dimensão de milhares de páginas escritas em meio à vida, a saber:

Ao meu avô Pedro Ângelo de Lima (*in memoriam*);

À minha mãe, primeiro código de vida que me pus a decifrar;

Ao poeta Bento Filho, pelo simples fato de ser além de si mesmo;

A Josi, leitora inveterada e irrequieta de um mundo prenhe de signos, desenhos e gráficos de amor e dor;

A todos os que já passaram e vão passar, onde na minha ânsia de leitura se afastaram permanentemente para um outro espaço feito de símbolos não decifráveis de todo.

A mim, por me saber tão digna deste mundo, do outro e de mais outros que virão.

AO LEITOR (A)

“Desocupado leitor, não preciso prestar aqui um juramento para que creiais que com toda a minha vontade quisera este livro, como filho do entendimento, fosse o mais formoso, o mais galhardo, e discreto que se pudesse imaginar: porém não esteve na minha mão contravir a ordem da natureza na qual cada coisa gera outra que lhe seja semelhante; que podia, portanto o meu engenho, estéril e mal cultivado, produzir neste mundo, senão a história de um filho magro, seco e enrugado, caprichoso e cheio de pensamentos vários, e nunca imaginados de outra alguma pessoa” (MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA, escritor espanhol, século XVI).

“(…) apreciava não o que lia, mas a leitura em si, ou, melhor dizendo, o próprio processo da leitura, o fenômeno de que, daquelas letras impressas, sai sempre uma palavra qualquer, por vezes sabe o diabo de que significado” (NICOLAI VASSÍLIEVITCH GÓGOL, escritor russo, século XIX).

“Isso acontece pelo menos com aquelas pessoas que se consideram ‘grandes leitores’; não vale para a juventude, idade em que o encontro com o mundo e com os clássicos como parte do mundo vale exatamente o primeiro encontro” (ITALO CALVINO, escritor italiano, século XX).

“(…) De dia, no intervalo das lições das crianças, subia os rochedos com o livro, única regra de sua conduta e objeto de seus entusiasmos. Nele encontrava ao mesmo tempo felicidade, êxtase e consolação nos momentos de falta de coragem”.(STENDHAL, escritor francês, século XIX).

“Papel, amigo papel, não recolhas tudo o que escrever esta pena vadia. Querendo servir-me, acabarás desservindo-me, porque se acontecer que eu me vá desta vida, sem tempo de te reduzir a cinzas, os que me lerem depois da missa de sétimo dia, ou antes, ainda antes do enterro, podem cuidar que te confio cuidados de amor” (MACHADO DE ASSIS, escritor brasileiro, século XIX).

“A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus” (BRÁS CUBAS, defunto autor, século XIX).

“Como hei eu de dar atenção ao bombardeio que lá vai troando na baía, se o meu espírito está completamente absorvido, absolutamente dominado pela idéia de fazer literatura?” (ADOLFO CAMINHA, escritor cearense, século XIX).

Desejo agradecer, em especial, às pessoas que contribuíram de forma sublime para a composição deste estudo, a saber:

À professora Lídia Eugênia, pela ética da pluralidade e do respeito que orienta a sua vida; por fazer da existência inúmeros livros abertos, sempre dispostos à leitura e a releitura, a interpretação e a re-interpretação, a escrita e a re-escrita, enfim, a transformação ininterrupta;

Aos que com o relato de suas memórias tornaram-se artefatos empíricos fundantes deste trabalho;

Ao professor Denílson Albano Portácio, pelas horas de cumplicidade em que tratamos de essências como o prazer inefável da leitura;

À professora Edna Gomes Pinheiro, pela partilha da arte de ler e se construir na leitura;

A sempre doce Dulce, porque para além do mundo exterior é que a amizade habita;

Aos professores e professoras do Curso de Especialização em Leitura e Formação do Leitor que na prática pedagógica fizeram a diferença, multiplicando o nosso olhar nas leituras de vida;

Aos amigos e amigas do Curso de Especialização, que foram mais do que alunos e alunas: foram cúmplices na inextricável arte de ler a vida.

À GUISA DE APRESENTAÇÃO

“Todo livro minimamente importante deveria ser lido de imediato duas vezes, em parte porque na segunda compreendemos melhor as coisas em seu conjunto e só entendemos bem o começo quando conhecemos o fim; em parte porque, para todos os efeitos, na segunda vez abordamos cada passagem com um ânimo e estado de espírito diferentes do que tínhamos na primeira, o que resulta em uma impressão diferente e é como se olhássemos um objeto sob uma outra luz”(ARTHUR SCHOPENHAUER, filósofo alemão, século XIX)”.

Este trabalho poderia receber no mínimo três títulos, que batizariam a gosto o propósito da pesquisadora: o primeiro denomina-se *Leitura é uma forma de vida: narrativas de prática de leitura*; o segundo, *Memórias de Imagens: livros que marcaram nossas vidas*, e o terceiro, *Práticas de Leitura: uma maneira de ser e estar no mundo*. Os três contemplam a magia e a aventura criativa que foi o mergulho científico na temática da leitura enquanto formação do sujeito leitor.

O motivo pelo qual me decidi pelo título **TEXTOS EM MOVIMENTO: MEMÓRIAS DE PRÁTICAS LEITORAS** encontra-se no fato de articular, a um só tempo, os dois sentidos deste estudo: um, tratar de pesquisar a relação entre o leitor e o livro no ato de ler, numa perspectiva de CALVINO (2001: 9) “(...) por maiores que possam ser as leituras de ‘formação’ de um indivíduo, resta sempre um número enorme de obras que ele não leu”. O outro foi tecer a memorização dos leitores no tocante as suas leituras preferidas: ou seja, através do relato oral construir uma relação de obras que foram fundamentais na “formação” dos leitores entrevistados.

Nesse sentido, afirmo que o termo mais apropriado para este trabalho, poderia ser ensaio. Sim, porque ele trata de coisas amenas, de prazeres, de pequenos deleites em forma de diálogo que ao longo da vida se tece, cada vez que nos cai nas mãos um delicioso livro, de não sei qual autor que não sei qual amigo ou amiga de não sei quê destino nos pôs nas mãos. Portanto, mesmo sabedora de que não se pode fugir do caráter monográfico do texto, gostaria de advertir ao “caro (a) leitor (a)” que o espírito com o qual deveis ler este texto que ora tranço seria o de “cumplicidade”, em que se deve atentar para o que o poeta escreveu:

“E eu não sabia que a minha história era mais bonita que a de Robinson Crusoe”. (DRUMMOND, poeta brasileiro, século XX).

Com o espírito drummoniano a guiar este trabalho, pode-se dizer que aqui se encontram as narrativas de pessoas que tem paixão da leitura em suas vidas, constituindo-se muitas vezes em leitores principiantes – e neste caso, são como adolescentes em suas primeiras experiências de vida – ou leitores inveterados, maduros, experientes e apaixonados a cada nova leitura, no dizer de CALVINO (2001: 100):

“A juventude comunica ao ato de ler como a qualquer outra experiência um sabor e uma importância particulares; ao passo que na maturidade apreciam-se (deveriam ser apreciados) muitos detalhes, níveis e significados a mais”.

Apresento não uma monografia feita com o prévio interesse de servir como parte *dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Leitura e Formação do Leitor*, mas, uma confissão de pessoas, as mais idiossincráticas entre si, com desejos, com anseios, com sonhos, com vidas e amores diferentes umas das outras, mas que tem uma paixão que as torna comum: o amor à leitura e o prazer de percorrer o corpo de um livro, com um gosto indizível de inesgotável diálogo entre a vida, o autor e si mesmo, edificando um “triálogo”.

Então, caríssimos (as) leitores (as), concluo esta apresentação, desejando que este “ensaio” contribua para que mais e mais pessoas entrem nesse admirável e fascinante mundo da leitura.

E. M. N. D

RESUMO

Este estudo trata de Livros, Leitura e Leitor (a). Tem um caráter narrativo e memorialista. Caminha na perspectiva da construção de acervos vivos das obras e autores fundantes na formação dos leitores (as), no olhar destes. O referencial teórico vai ao encontro das idéias dos historiadores CHARTIER (2002) e CERTEAU (2003), dos estudiosos CALVINO (2001); MANGUEL (1997; 2002); BORGES (1976; 1984; 1985) e BENJAMIN (1987) que em suas abordagens, entendem a leitura como prática social e cultural. Em verdade, o conceito de leitura é muito dilatado e complexo, uma vez que se liga a uma multiplicidade de significados, que vão desde ao ato decodificador de signos gráficos até ao ato transformador da realidade no deciframento da “palavramundo” numa perspectiva freiriana. Ler implica considerar o que Chartier nomeia de “mundo do leitor”. Considerando esta abordagem, assimilar e entender a concepção de leitura, limitando-se a uma consulta ao dicionário é muito pouco, dado que ler abrange uma série de práticas e experiências sociais, culturais, afetivas, enfim envolve a subjetividade e a objetividade do mundo que circunda o leitor (a). Outro aspecto abordado neste trabalho foi à questão da memória, uma vez que parti do fio das lembranças dos entrevistados, na tentativa de construir os acervos das obras e autores fundamentais na sua formação enquanto tal. Assim três são as dimensões acercadas aqui e que são complementares: a evocação do ato de ler como práxis social, a evocação da memória a partir do relato oral, em que se constituiu numa narrativa das práticas de leitura dos entrevistados, e, finalmente a edificação de um acervo coletivo de livros e escritores que marcaram e, ainda, marcam profundamente os leitores a ponto de os conservarem em seus acervos pessoais. O que tentei realizar neste trabalho foi uma deliciosa narrativa das experiências e vivências de pessoas que são reconhecidamente leitores do mundo e da vida, e têm a consciência do enorme tributo que devem a esses seres mágicos a que chamamos livros. Por isso, considerei na elaboração do texto narrativo final, os diversos aspectos, a saber: suas experiências e vivências, seus gostos, sua cultura, sua comunidade de leitores, bem como “seu repertório prévio” e suas necessidades de leitura.

SUMÁRIO

1º CAPÍTULO – O TEMPO DO RECONHECIMENTO.....	10
1.1. Narrativa Introdutória	12
1.2. Do percurso planejado ao percurso caminhado.....	14
2º CAPÍTULO – O TEMPO DA COMPOSIÇÃO TEÓRICA.....	17
2.1. Referencial teórico: o traçado analítico.....	19
2.2. O leitor e o livro: criador e criatura do mesmo ato.....	23
3º CAPÍTULO – O TEMPO DA DESTILAÇÃO.....	29
3.1. Memórias de leitores: a voz dos donos.....	29
3.2. Memórias Esparsas: práticas leitoras.....	32
PALAVRAS FINAIS – PAIXÃO & INQUIETAÇÃO:	
A ORDEM DOS LIVROS.....	56
FONTES UTILIZADAS.....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69

1º CAPÍTULO – O TEMPO DO RECONHECIMENTO

“Livros são como mapas. Alguns, como aqueles que usamos ao planejar uma viagem, nos contam de terras que outros já visitaram, marcam rios e montanhas que outros já viram, indicam as estradas asfaltadas que a multidão apressada toma para chegar rápido ao destino, e os caminhos sinuosos para aqueles que estão mais interessados na travessia que no chegar lá. Outros mapas são como aqueles que se produziam na época das grandes navegações, que apontam para terras obscuras que existem mais no sonho que no conhecimento – mapas proféticos que abrem caminhos inexplorados e convidam o viajante a sair das seguras rotas conhecida e a se aventurar por regiões que outros nunca visitaram”(RUBEM ALVES apud GADOTTI, 1997: 557).

Concordo com Rubem Alves (1997), por isto trago-o na abertura do primeiro capítulo, como “bordado” inicial com o qual demarco as linhas centrais da pesquisa, que trata dentre outras coisas do prazer de ler, da construção do próprio ser no ato da leitura, do ato de se construir enquanto se lê um livro.

De antemão, preciso confessar que este trabalho foi tecido com muito amor, com muito carinho, com muito zelo, com muita leitura e com muita narratividade. Ele é o resultado de um longo percurso, embora não seja possível de início delimitá-lo num recorte temporal “determinado” fica entrevisto a sua perenidade. Numa distância longínqua, figura no lugar da memória, das lembranças de pessoas e mais pessoas que foram no caminho da pesquisa respondendo as perguntas: como se deu a minha formação de leitor (a)? E, de que forma os livros foram peças fundantes na construção do meu “sê pessoa”, na perspectiva do poeta português Fernando Pessoa (PESSOA apud LOPES, 2003: 128) expressa no poema Para Ser Grande:

“PARA SER GRANDE, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa.
Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive”.

Assim, fica claro que esse trabalho não é fruto de um momento único, mas de vários que se teceram com cores de diferentes matizes, formados por práticas por vezes não tão vivas na

memória, mas que trazidas à luz da oralidade tornou possível a construção de um memorial da práxis de leitura dos entrevistados (as).

Embora reconheça que a sua produção materializou-se após a conclusão do curso de Especialização de Leitura e Formação do Leitor, constituindo-se enquanto parte indissociável deste e das reflexões feitas em seu interior, alerta para o fato de que sua gestação vem de um outro tempo, ainda presente, em que a pesquisadora inquieta-se profundamente com o ato de ler, de se fazer sujeito no interior da leitura e da relação “simbiótica” e quase alquímica que se dá entre o livro e o leitor (a).

Por isso enveredei nesta trilha, em que juntei como artefatos de caminhada a memória, os relatos orais dos entrevistados (as) e as suas práticas de leitura. De tal modo, tentei trançar tão somente uma rede de narrativas, onde a memória foi o fio condutor nobre, e em que no final a composição dos relatos construiu um grande mosaico de livros e autores fundamentais na formação do leitor (a), que – sem grandes pretensões – servissem de guias em dias tão difíceis de se viver.

Reitero a importância central das aulas do curso de Especialização, e destaco que as reflexões vindas à tona foram determinantes para o desenho que dei a esta pesquisa. Até porque, amadureci as opiniões e posturas e percebi a condição de eterno aprendiz que somos todos.

A compreensão que tenho do conceito de leitura é um tanto mais abrangente, o qual se aproxima e comunga das idéias de CALVINO (1982), nas quais ler significa aproximar-se de algo que acaba de ganhar existência, isto é, significa dar vida a algo recém animado. Desta forma a leitura é uma experiência individual e única que ultrapassa fronteira, vai além da decifração de sinais gráficos. Em verdade, a leitura está ligada a todo um contexto relacionado à experiência de vida de cada ser, para que este possa relacionar seus conceitos prévios com o conteúdo do texto e, assim, construir o sentido.

Por considerar essa concepção, trabalho as seguintes dimensões dessa relação: o ato de ler em si, o leitor e o livro em permanente movimento. O livro é entendido aqui como um artefato da cultura que se transforma e se adapta à nova condição histórica e social de forma lenta, mas profunda.

O que me interessa particularmente é a relação leitor, livro e leitura na perspectiva de que através da oralidade àquele possa destacar os livros que tiveram um significado determinante na sua formação, no sentido de construir um acervo coletivo que possa servir de guia ou roteiro bibliográfico para os que estão se iniciando nesse imperscrutável universo que é o mundo da leitura.

1.1. Narrativa Introdutória

“Ler é preciso.¹
Navegar é preciso.
Viver é preciso,
Porque acima de tudo,
É preciso sonhar,
Mesmo que seja um sonho miúdo e fraco,
Um mínimo sonho de formiguinha,
Que, no entanto, nos ajuda a ser...
E em sendo, nos reconhecer...
Como sujeitos e protagonistas
Do nosso sonho de Viver!”.

Todas as coisas têm o seu início. Este é o lado bom: todas elas têm uma origem. Todas têm imbuído na sua essência a sua própria história que lhe dão vida, que lhe dão uma narrativa puxada pela memória. Esta pesquisa tem, também, a sua história, tem a sua narrativa tecida num tempo e num lugar demarcado. E é sobre isto que pretendo falar agora. Sobre o tempo e o lugar de gestação desta pesquisa e de como tomou os contornos que ora tem.

Antes, aviso que o caráter dado a este trabalho configura-se num tom confessional, intimista mesmo, em que me permito narrar algumas das minhas impressões enquanto leitora inveterada que também sou. Desta forma, é preciso que remonte a essa narrativa ao início de tudo, como já falei.

¹ Poemeto de minha autoria.

Assim, este estudo aqui esboçado no momento é fruto de um outro, que surgiu quando a professora da disciplina *História da Leitura* sugeriu para a conclusão desta, um trabalho sobre “O que os cearenses liam até a metade do século XX”. Na época fiquei extremamente fascinada com a proposta, pois já vinha amadurecendo um pouco a idéia de realizar uma pesquisa sobre as memórias da leitura e do livro, pois assim confessa Buarque:

“Há livro que é importante para quem o lê, outros são importantes mesmo para aqueles que nunca leram, nem dele têm conhecimento. Como são os livros dos grandes pensadores, que fazem a maneira das pessoas pensarem, sem que elas saibam”(CRISTOVAM BUARQUE apud GADOTTI, 1997: 656).

Depois de pensar bastante diante das amplas possibilidades que o tema oferecia, decidir-me em fazer um ensaio incipiente sobre o universo de leituras que faziam as cearenses, de então. Iniciei, de tal modo, esta pesquisa que caminhou por uma trilha específica no que diz respeito à metodologia utilizada, uma vez que precisei trabalhar com a entrevista oral não-diretiva, posto que ela proporciona ouvir o entrevistado de forma fluída e despretensiosa, na qual àquele fica bem à vontade para narrar oralmente as suas memórias, e dá destaque a este ou aquele detalhe de sua vivência com o “objeto em estudo” que lhe foi marcante.

Por tal forma, o estudo foi realizado e dele ficou o desejo de aprofundar a temática, posto que inúmeras foram as pistas deixadas no processo. Portanto, foi a partir desse estudo preliminar que esta pesquisa tomou forma, pois dentre tantas coisas aprendidas que ficaram guardadas no meu “acervo” pessoal, ficou a de que o pesquisador quando “seleciona” o seu objeto de estudo, não o faz de forma neutra.

Nesse prisma, a continuidade da temática e do seu aprofundamento deixou-me uma grande lição: a consciência de minha condição enquanto estudiosa facilita a construção madura do objeto de conhecimento. De posse desta maturidade, do meu sonho, da minha disposição de “aventurar-me” mais uma vez nas trilhas da investigação e da imensa paixão que nutro pela temática leitura, mergulhei neste novo trabalho.

Contemplo neste estudo a “leitura” que me foi dada fazer a partir de minha inserção no mundo, em que tenho clareza do lugar de onde leio e interpreto a vida, portanto, constam aqui “delineamentos arados” na terra da minha experiência como ledora e como leitora do mundo que

me cerca e da vida que é sempre uma espécie onipresente de enigmas e charadas a serem decifradas.

1.2. Do percurso planejado ao percurso caminhado

“Criatividade, disciplina, organização e modéstia, baseando-se no confronto permanente entre o possível e o impossível, entre o conhecimento e a ignorância. Nenhuma pesquisa é totalmente controlável, com início meio e fim previsíveis. A pesquisa é um processo em que impossível prever todas as etapas. O pesquisador está sempre em estado de tensão porque sabe que seu conhecimento é parcial e limitado-o possível para ele” (GOLDEMBERG, 2001).

No momento da tessitura desta pesquisa tinha em mente duas intenções. A primeira dar continuidade e aprofundar a temática da leitura e da memória abordada no trabalho ao qual já me referi. A segunda veio-me depois de variada imersão teórica acerca da relação leitor (a), livro e leitura no sentido exposto por Calvino: “as leituras de formação” (2001:9). No tocante a segunda intenção, o que me movia era um interesse instigante em desvendar a relação intrínseca entre o leitor (a) e a leitura, no sentido de identificar o processo de formação do leitor no próprio ato de ler a obra posta em sua vida, isto é, tentar reconhecer junto ao leitor, as obras e os autores que contribuíram de maneira marcante para a sua formação enquanto ser que está no mundo num constante vir-a-ser.

O que me motivou a isto não foi um objetivo vazio, e sim, a paixão que tenho pelo que chamo “reconhecimento fecundo da vida no ato de leiturização”, ou seja, a capacidade que o ato de ler confere a todo ser humano que nele se embrenha: o desvendamento das fronteiras da vida e a construção de si mesmo, a um só tempo, por meio da leitura.

O presente trabalho é feito disto: de narrativas orais, de memórias das leituras vividas, de reconstituição de “acervos simbólicos” de obras e livros fundantes na vida de leitores e leitoras inveteradas. Para compor esse acervo foi necessário traçar uma via metodológica no sentido de

possibilitar a sua finalidade: uma reflexão sobre o papel da leitura na compreensão, construção e reconstrução do universo subjetivo que habita a todos nós, seres humanos socializados e historicamente portadores de experiência e vivência no ato de ler a realidade, que nos envolve e em que nos encontramos enrodilhados.

A via metodológica por excelência foi a História Oral que permitiu o entrelaçamento do artefato teórico, no qual fundamentei a pesquisa com a empiria, qual seja a história de vida dos entrevistados e das entrevistadas em que recolhi farto material empírico possibilitado pelo relato oral de suas memórias acerca de suas experiências e vivências no “cosmo literário” que impregnaram suas vidas de leitores (as).

Assim, a via teórica e metodológica adotada permitiu o aprofundamento da reflexão inicial configurada neste trabalho, no qual teci uma análise que privilegiou a condição do leitor na sua inter-relação com a obra escrita, posto que a leitura é um extremo ato de desvendamento da realidade em que vivemos, possibilitando-nos um universo em que estão a se encontrar afortunadamente o imaginário narrativo e o real ficcional no dizer de Umberto Eco (1989).

Pretendia com isto, obter evidências do universo de leitura das mulheres e homens, que generosamente confessaram seu amor ao mundo inextricável dos signos impressos que “amarram” num múltiplo contexto o autor, o leitor e a obra. Queria tecer uma “colcha em movimento” de vivências de leitura experienciadas por leitores (as) entranhados (as) – esta foi a pré-condição para as entrevistas –, a indicar no final que “alquimia” é esta que transforma a coisa lida na parte mais viva do ser. Enfim, pensei em edificar um acervo simbólico das obras que contribuíram mais fortemente para a formação do leitor enquanto tal, e como produto final achei por bem listar os livros mais lidos ou os autores mais queridos ou ainda as leituras comuns realizadas pelos entrevistados (as).

Como diz Bosi (2003:69): “Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu”. É a partir desta compreensão que tencionei escrever este ensaio, com a convicção de que os relatos e fatos narrados pelos entrevistados são um patrimônio, antes de tudo, da comunidade em que estão mergulhados, em que representam uma memória coletiva, e como tal, é parte da cultura e da história social da cidade em que nasceram.

Conversar com os leitores e leitoras foi fascinante. O descortinamento das cores e sabores da cidade e de seu contexto, aos poucos, foi se desenhando e o ramalhete de narrativas oral foi se constituindo em conhecimento histórico – social.

É impressionante observar como as pessoas guardam suas lembranças e como a memória quase que num ato mágico as trazem à tona, e o mais interessante é como essas narrativas vão se desenrolando de tal forma, que os fios das lembranças se desvelam trazendo ao presente os cheiros e os sentimentos de outrora, como no dizer da professora Carmem Silvia:

Enquanto falo com você me vejo: a rede armada e o livro de José de Alencar nas minhas mãos e nos meus olhos e a imaginação subindo vales e montes e tomando conta de mim todinha...

Ao encontro do pensamento da citada professora temos este de simples magia:

Ler para mim? É caminhar sempre com um outro alguém no entendimento do mundo, estranhando e entranhando o real. (Poeta cearense).

Estruturalmente, este texto narrativo está organizado em quatro partes: o primeiro capítulo que tem como título **O TEMPO DO RECONHECIMENTO** em que delimito a performance do estudo; o segundo capítulo intitulado **O TEMPO DA COMPOSIÇÃO TEÓRICA** no qual traço pistas analíticas para iluminação teórica e conceituação das categorias de memória, leitura e história oral; o terceiro capítulo que leva o título de **O TEMPO DA DESTILAÇÃO** no qual percorro os relatos orais dos (as) leitores (as) entrevistados (as), fazendo um entrelaçamento da relação leitor, livro e leitura; e a quarta parte, em caráter de conclusão definida como **PALAVRAS FINAIS - PAIXÃO & INQUIETAÇÃO: A ORDEM DOS LIVROS**, na qual construo um acervo dos livros e autores mais citados pelos leitores durante as entrevistas, e faço algumas reflexões à guisa de oferecer caminhos para pesquisas de maior fôlego num futuro próximo; e, finalmente as **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS** consultadas, em que cito as principais fontes bibliográficas pesquisadas na fundamentação epistemológica do presente estudo.

2º CAPÍTULO – O TEMPO DA COMPOSIÇÃO TEÓRICA

“A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1994).

Ao iniciar a feitura do presente trabalho, tinha clareza do campo de conhecimento científico em que adentrava, a circunscrição dele está relacionado com os estudos da História e da Memória, da Leitura, da Oralidade e da Memória, bem como, a questão da memória individual e coletiva.

Como pretendia reconstituir a memória individual de leitores e leitoras em relação ao universo de leituras realizadas ao longo de suas vidas, para daí recuperar o universo de leitura numa perspectiva coletiva, tive necessidade de construir uma fundamentação teórica acerca dos conceitos de História, Memória individual e coletiva e Leitura, pois que existe entre eles um entrelaçamento muito estreito, em que sugere um amálgama no seu desenvolvimento e práxis cotidiana.

Pensando no meu trabalho, busquei também um entendimento da relação livro e leitor, até porque, intuitivamente acredito que o ato de conhecer e de aprender passa pelo domínio da leitura. A minha consciência de educadora leva-me a partilhar do entendimento de que é necessário estimular cada vez mais o cultivo do livro, não apenas como um artefato de tradição, e sim como porta de entrada para a apropriação do conhecimento e do mundo.

Em primeira ordem, decidi estudar o conceito de História por achar que neste trabalho detém uma centralidade axiomática. O fato de me debruçar sobre a questão da memória, remete-me para uma tentativa de compreensão do seu conceito através dos estudos históricos.

NORA & LEGOFF (1977), colocam que a questão da História, do discurso e da realidade nos põe frente a frente com o movimento de fazer o conhecimento histórico, enfatizando que a Historiografia contemporânea se debate em duas posições diferentes procedimentais no tratamento do real enquanto objeto de estudo científico. A primeira é o real enquanto o conhecido (aquilo que o historiador estuda, compreende ou ressuscita de uma sociedade passada); e a segunda é o real implicado pela operação científica (a sociedade presente a qual se refere à problemática do historiador, seus procedimentos, seus modos de compreensão e, finalmente, uma prática de sentido).

O real (objeto de estudo a ser desvendado) é considerado de um lado como resultado da análise do historiador, e de outro como postulado², isto é, como discurso edificado e elaborado sobre o real investigado e analisado. Ao perseguir o fio condutor teórico de Nora, fico tentada a fazer o seguinte questionamento: qual o papel do historiador considerando essas duas posturas epistemológicas?

A resposta vem deste estudioso (1993: 46): “Com efeito, existem dois tipos de história, conforme prevaleça a atenção a uma destas posições do real”. Nesta perspectiva temos dois tipos de relacionamento do historiador com a produção do conhecimento científico: o primeiro privilegia o que é pensável, isto é, aquilo que se questiona com relação ao método, em que torna os documentos “criticáveis”, num viés analítico construtor de um conhecimento dentro do conhecimento.

O segundo, diz respeito à relação do historiador com o acontecido, num caminho que aponta para a possibilidade de restaurar o passado, numa tentativa sempre desesperadora de trazer à luz do dia o que não mais está no presente como realidade concreta, mas que precisa ser iluminado para assim ser explicitado, e em sendo explicitado ser compreendido e resgatado como experiência e como vivência coletivizada.

² O postulado, segundo NORA (1993: 46) se constitui no *pensável*, isto é, naquilo que se diz e não se diz sobre o real estudado.

Qual o caminho que vou percorrer neste trabalho? Para NORA as duas posições de tratamento epistemológico do real não estão diametralmente em oposição, apesar de que o privilegiamento exacerbado de uma ou de outra postura podem com certeza trazer resultados diferenciados, contudo a História está “(...) fundada sobre um corte entre o passado, que é o seu objeto, e um presente, que é o lugar de sua prática, a história não pára de encontrar o presente no seu objeto, e o passado, nas suas práticas” (1993: 46).

Esta reflexão indica que é preciso de um lado operar a investigação científica no domínio da historiografia que nos permita recuperar o real vivido, e por outro fazer as perguntas necessárias para arremessar o objeto de estudo no sentido de fazê-lo falar de si mesmo e das trilhas penetradas para realizar o feito de seu desvendamento.

De posse desse sentimento encetei a realização do estudo enfocando a questão da leitura enquanto construção e prática social numa abordagem das leituras de formação, com a consciência de que estou a me debruçar sobre as vivências e as experiências de leituras puxadas pela memória.

Para tanto, preciso compreender as devidas relações entre História, Memória e Leitura, uma vez que adentro um campo fecundo que me leva a uma compreensão da memória enquanto porta de entrada para o entendimento do que somos numa dimensão individual e social a um só tempo.

2.1. Referencial teórico: o traçado analítico

Não estamos isolados em nenhum contexto, mas fazemos parte de uma civilização que foi lentamente sendo edificada e que teve a proeza de fundar a sua própria existência no culto à memória, como nos atesta HALBWACHS (1990: 26):

“(...) nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos

envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade nunca, estamos sós”.

O nosso grande itinerário social e histórico é criar sentidos que se presentificam na linguagem e na cultura, e se expressa no entroncamento entre memória de história, elas estão em permanente íntima relação, não havendo história sem memória, como tampouco não existe memória individual que seja, que não evoque a construção de uma memória coletiva.

É na manifestação exterior da memória individual que se dá à construção da memória coletiva ou social, proporcionando ao sujeito social a evocação da memória do seu tempo histórico.

O pressuposto teórico assumido neste trabalho leva-me a conclusão de que a memória está intrinsecamente relacionada com a história, que por sua vez se constitui como o conhecimento do passado/presente, apesar de que o seu objeto de estudo por excelência é o acontecido, o vivido.

Qual a relação entre memória e história? Segundo LE GOFF (1994:475): “A evolução das sociedades na segunda metade do século XX clarifica a importância do papel que a memória coletiva desempenha”.

A memória coletiva é o depósito inesgotável que funciona como um reservatório, no dizer desse historiador, onde se pode armazenar arquivos, documentos, monumentos, ecos sonoros, enfim é um incomensurável estoque de que material que evoca o que foi e o que não foi vivido, mas que permanece preñado de potencialidades no sentido de possibilitar a lembrança ou não dependendo das vicissitudes e das esperanças construídas.

A expressão da memória manifesta-se numa possibilidade de construção social de uma lembrança que pertence coletivamente ao patrimônio cultural de uma determinada comunidade, e como tal, ela tem uma centralidade social, pois implica em compreender os fatos históricos forjados em outras eras por outros atores históricos e sociais.

Daí, o papel social da memória estar imbricado nos acontecimentos e interpretações dadas à vivência coletiva do passado, reforçando costumes e comportamentos, sentimentos e afetividades de pertencimentos entre os diferentes grupos sociais.

Nesta perspectiva, a memória torna possível a um só tempo a perpetuação de certas formas de viver na coletividade e a perenidade do tecido social e das instituições historicamente construídas.

Tomo este referencial como base analítica para fazer o entrelaçamento entre o ato de ler, a leitura enquanto prática social e a narrativa das memórias dos leitores. Através da memória e do relato oral dos leitores desenho um mapa de como essas leituras se processam, e analiso o nível de envolvimento e transformação das idéias e narrativas contidas nos livros lidos nas vidas dos leitores e leitoras entrevistados.

O referencial conceitual do termo leitura é importante para o trabalho aqui especificado, pois possibilita desvendar a relação entre memória, história e leitura. A memória está para a história assim como a história está para a memória, entretanto a relação entre memória e leitura precisa de uma investigação mais aprofundada, a minha pretensão neste momento não é mergulhar de imediato nesta problemática, mas semear questionamentos para um possível estudo próximo.

O que entendo, pois, por leitura? Uma reflexão que me coloco de ímpeto é: antes da invenção da escrita em aproximadamente quatro mil e quinhentos anos antes de Cristo não existia leitura?

Para YUNES (2002:13) a escrita não precede o processo de leitura: “Uma primeira questão se desdobra da ilusão de que a leitura seja corolário da escrita e de que antes dos sumérios, com suas tábulas de barro, a experiência da leitura não existia”.

Esta afirmativa considera a leitura como um processo não limitado à tecnologia da escrita, mas que se manifesta enquanto expressão da oralidade, na qual o registro e a memória do vivido se perpetua de forma coletiva, constituindo-se numa linguagem do mundo.

A estudiosa enfatiza, ainda, que nas comunidades primitivas a linguagem baseada na oralidade dava conta do mundo cotidiano e das relações sociais de então: “As linguagens da oralidade e da gestualidade, percebidas como homólogas ao mundo, tidas como transparentes e dêiticas, eram suficientes para desfazer os absurdos e aclarar as diferenças até então” (YUNES, 2002:14).

Através da leitura é estabelecido um dialogismo intertextual inédito nessas sociedades, uma vez que através da oralidade é possível a construção de textos vivos narrados nas rodas de conversa ao pé do fogo, ou seja, a possibilidade de uma experiência de vida amálgama da experiência de leitura.

A ruptura entre a oralidade e a leitura se dá com a invenção da escrita e de seu domínio cada vez mais hegemônico como conhecimento e desvendamento da realidade privilegiada pelos detentores do saber. Segundo YUNES (1995:14):

“Transferindo-se para a escrita, a *leitura do mundo* distanciou mais ainda do homem e alterou duplamente a linguagem, como se aquela ocorresse agora, através de uma lupa interposta entre o homem e o universo, capaz de modificar as ‘formas’³e, com elas, os ‘objetos’(...)”.

A oralidade significava a senha para o mundo da leitura e da vida, conseqüentemente configurava-se na própria razão de ser da linguagem que tinha uma faceta mágica e ritualística.

Com a escrita o mundo da oralidade e da gestualidade se esfacela e o que resta em seu lugar é uma modalização⁴, isto é, a organização rígida de uma escrita que passa a apresentar e representar o mundo.

Essa nova condição histórica imposta pelo surgimento da escrita fez com que o mundo da mimética⁵ fosse reduzido a um relato escrito, além do mais passou a exigir o domínio de uma habilidade técnica específica: a capacidade de escrever ou de desenhar os sinais e signos equivalentes a palavras inteiras, sílabas portadores de representação e significação social.

⁴ Yunes (2003:14) nos sugere que a sistematização da escrita veio introduzir a “ausência de um falante/autor”.

⁵ Segundo Yunes a “mimética” configura-se na capacidade lingüística em que a oralidade e a gestualidade correspondiam em similitude à coisa comunicada.

Por esta ótica, a leitura enquanto prática está associada a uma cada vez maior divulgação da escrita, com a fixação do texto no objeto livro ou em algo semelhante a isto, exigindo um maior domínio do indivíduo quanto ao deciframento dos códigos e grafemas dispostos ali, criando uma certa independência dos valores tradicionais e coletivos, veiculados por meio oral através da religião e dos mitos⁶.

A leitura então deixa de ser prática coletiva e se transforma em prática individual, implicando numa necessidade de organização de espaços institucionais para aprendizagem dessa prática, a escola é o “lócus” por excelência da apreensão e aquisição desta nova habilidade técnica.

Portanto, nesta perspectiva o conceito de leitura tem a sua força explicativa atrelada à questão da escolarização: entendimento de que ler e escrever é aprender a soletrar sílabas, conhecer e reconhecer palavras, balbuciar e tartamudear frases e seus similares.

É com este conceito tradicional de leitura que tencionamos romper. Neste embrionário estudo pretendemos nos apropriar do conceito de leitura teorizado pela estudiosa do assunto YUNES “(...) ler é um ato homólogo ao de pensar, só que com uma exigência de maior complexidade, de forma crítica e desmecanizada. Quem não sabe pensar mal fala, nada escreve e pouco lê”. (2002: 16)

Ora o pensamento está imbricado com a questão da linguagem que por sua vez é o maravilhoso passaporte de comunicação inexaurível que torna os seres humanos comunicadores e comunicantes de uma realidade que precisa ser compreendida coletivamente, vez que foi socialmente engendrada.

E a leitura? A leitura é a ampla oportunidade de descortinamento desse mundo que me muitos casos nos aparece tão irremediavelmente incompreensível. O movimento de leitura de um texto não é só o ato de deciframento de seus signos lingüísticos, mas é uma ação de desvendamento do mundo e da vida.

⁶ Ver Lajolo e Zilberman (1999).

O que me motivou a encetar o presente estudo é a concepção de que a leitura é um indicador maior da nossa infinita busca de sentidos das coisas vividas e não vividas, realizadas e não realizadas, isto é, das coisas legíveis que estão no espaço social e histórico e que tanto se podem nos dar de imediato como se nos estão ocultas, depende da educação do nosso olhar, é a situação extremamente humana de narrar e criar, e assim fazendo instituir novo contorno para sua existência.

2.2. O leitor e o livro: criador e criatura do mesmo ato

“Na realidade, todo leitor é, quando lê, o leitor de si mesmo”. (MARCEL PROUST)

Não tenho como finalidade imediata deste trabalho a reconstituição histórica do nascimento do livro enquanto produto cultural e material, mas não posso deixar de tratar um pouco da relação livro e leitor por meio do olhar de alguns teóricos que em suas obras abrangem esta temática. BENJAMIN (1987) CERTEAU (2003); CHARTIER & CAVALLO (2001a; 2001a) MANGUEL (1997; 2002), BORGES (1976; 1984; 1985) e CALVINO (1982, 2001) são autores que destacam com maior profundidade a relação leitor e livro.

É importante enfatizar que nem sempre a humanidade foi apaixonada pelos livros, até porque a sua onipresença na vida cultural da sociedade remonta aos séculos XIV e XV na Europa Ocidental e no Brasil a partir do século XIX com a vinda da família real portuguesa. Pode-se conceber que uma história do livro não é coisa de mera consecução e fica, pois, para um momento mais propício e de ampla envergadura.

Da minha parte, conseguindo estabelecer as múltiplas dimensões dessa relação já me sinto realizada. Retomando o tema, não é forçoso admitir que desde o seu nascimento o livro tornou-se uma espécie de talismã, de ente mágico, de entidade acima da ordem comum das coisas. Mesmo aqueles que não são aficionados a uma leitura contínua mantêm em suas casas, de três a quatro livros, como se a esperar que de uma hora para outra pulasse das páginas inertes

todo um celeiro de existência, com energia e vigor suficiente para romper com a uniformidade e a monotonia da vida civilizada.

Mas de fato, existem seres humanos apaixonados por livros? Há e aos milhares, penso, no Brasil apesar da mídia veicular que não somos um país leitor, não é difícil encontrar um ou outro aficionado do livro e de sua multiplicidade, a exemplo de José Mindillin.

Neste trabalho, encontrei não apenas um nem meia dúzia, mas um número representativo dentre crianças, adolescentes, adultos, pessoas do povo comum e gente da Universidade, professores da educação básica, escritores e amantes incondicionais do livro expressaram o enorme prazer lúdico, inclusive, que é ter entre o olhar e as mãos o universo pintado por mãos de quem, sendo humano consegue realizar a transcendência do humano.

Etimologicamente falando, Bibliolatria diz respeito ao gosto apaixonado que os humanos tem pelos livros (FERREIRA, 1988:93). Para Jorge Luís Borges, o livro é uma dilatação da memória e da imaginação, por isso tem sido objeto de estima, entusiasmo e cobiça de gregos e troianos, especificamente de grandes literatos e de gente simples: leitores anônimos e com identidade demarcada na História, de épocas e lugares tão díspares, deixaram registrado sua relação com o livro.

Por conta disso, pretendo focalizar nesta parte do trabalho o livro como a um só tempo materialidade e construção social. Como materialidade é considerado aqui como ferramenta da leitura, como construção social refere-se à possibilidade de edificar o “ser” pessoa dos seres humanos, daí que a relação passa por uma espécie de empoderamento dessas três esferas o livro, o leitor e a leitura, tríade inseparável do *constructo*, algo que não se dá sem a permanência dos três. O livro é detentor de historicidade e acompanha o seu próprio quefazer⁷ se assim posso me referir, porque ele não é só produto, mas é razão cultural, espiritual e intelectual da existência humana.

Benjamim (1987: 235) ao falar dos livros e de como se apoderar deles acaba falando de si mesmo, da magia envolvente que projeta dentro de si, o outro “(...) a posse seja a mais

⁷ Utilizando o neologismo de PAULO FREIRE para designar o ato de construção dialética do ser e das coisas.

íntima relação que se pode ter com as coisas: não que elas estejam vivas dentro dele; é ele que vive dentro delas (...).”

Continuando nesta fiada teórica, trago outra vez Borges, que retrata como ninguém esse impenetrável amor pelos livros e essa identidade com o “sê” leitor, quando confessa:

“Continuo imaginando não ser cego; continuo comprando livros; continuo enchendo minha casa de livros. Há poucos dias fui presenteado com uma edição de 1966 da Enciclopédia Brokhaus. Senti sua presença em minha casa - eu a senti como uma espécie de felicidade. Ali estavam os vinte e tantos volumes com uma letra gótica que não posso ler, com mapas e gravuras que não posso ver. E, no entanto, o livro estava ali. Eu sentia como que uma gravitação amistosa partindo do livro. Penso que o livro é uma das possibilidades de felicidade de que dispomos, nós, os homens” (BORGES, 1985, 10).

Em verdade, Borges sinaliza que a relação leitor e livro não é meramente um ato de cognição e sim de volição em que se permeia de sentido físico e amoroso num claro manifesto de carinho e diálogo, dando outras pistas para essa relação: o contato inicial com a textura e a contextura do livro; o odor do papel e das letras, a necessidade de ler para todos (como se a proclamar uma boa nova) e finalmente a visão – apesar de Borges ter perdido a visão não deixou de ser leitor, como se percebe no “Poema dos dons” (BORGES, 1984: 49/50):

“Ninguém rebaixe à lágrima ou censure
Esta declaração de maestria
De Deus, que com magnífica ironia
Me deu os livros e a um só tempo a noite
(.....)
Em minha sombra, a meia luz vazia
Exploro com meu báculo indeciso,
Eu, que me afigurava o Paraíso
Sob a aparência de uma biblioteca”.

Esse extremo amor de Borges aos livros pode ser visto nos dias de hoje? Com a mesma proporção não posso afirmar que sim, contudo conheci e conheço pessoas que se dedicaram a cultivar um zeloso relacionamento com esse artefato, fruto da ousadia de Gutenberg (século XVI). Reconhecendo que existem casos à parte como o de Borges, não posso deixar de ilustrar o seguinte depoimento de uma entrevistada:

Considero-me uma rata de biblioteca. Faz tempo e eu era criança. Meus pais não tinham qualquer condição de comprar livros. E eu fugia de casa para a biblioteca. Lá eu passava minhas tardes, lá

aprendi a ler Machado de Assis; Sartre; Dostoievski; Cervantes, Cecília Meirelles enfim tantos e tantos que me ensinaram a viver.

Percebe-se, pois pelo depoimento que a relação leitor, leitura e livro supera a dimensão imediata das coisas, revelando nuances que escapam a um pesquisador mais desavisado. Em verdade, a mediação do mundo passa também pela relação autor e leitor, implicando no que Paulo Freire defende, isto é, a leitura da palavravmundo.

No entendimento de outro grande estudioso do assunto, Alberto Manguel (1997), há uma doce sensualidade permeando a relação entre leitor e livro, estabelecida por meio do contato físico. De fato, o que ocorre é uma projeção do leitor no lido, capacidade de experiência viva proporcionada pelo livro, ilustrando assim o êxtase que provoca, a ponto de Jorge Luís Borges declarar que sente mais orgulho dos livros lidos, do que os por ele escritos no seu poema “O Leitor”.

Vale observar que, para muitos escritores como Borges, o livro tem uma face mística, quase surreal. Não raro, a visão que se tem eleva o livro à condição de “(...) elemento condensador da totalidade ou como chave para decifrá-la (...)” (ALMEIDA, 2001: 10). Em busca do livro decifrador do universo, Borges afirma (1976: 67/68):

“Sabemos, igualmente, de outra superstição daquele tempo: a do Homem do Livro. Nalguma estante de algum hexágono (raciocinaram os homens) deve existir um livro que seja a cifra e o compêndio perfeito *de todos os demais*: algum bibliotecário o consultou e é análogo a um deus.(...) Não me parece inverossímil que nalguma divisão do universo haja um livro total; rogo aos deuses ignorados que um homem — um só, ainda que seja, há mil anos! — o tenha examinado e lido. Se a honra e a sabedoria e a felicidade não estão para mim, que sejam para os outros. Que o céu exista, embora meu lugar seja o inferno”.

O autor chega a ser apocalíptico: o Homem do Livro tem o poder de encontrar o enigma da vida e decifrá-lo e assim fazendo transmiti-lo aos demais seres humanos. Com isso Borges lega-nos uma lenda: será que a sua cegueira foi uma resposta (castigo ou prêmio) ao desejo de ser ele próprio o “Homem do Livro”.

Será que Borges conseguiu ler esse livro, será que os seus livros constituem em si o deciframento do Universo? São só perguntas que me permito agora fazer, tendo em vista que esse

grande escritor acabou por decifrar a alma do leitor, dando um veredicto definitivo sobre livros e leitores:

“Se lemos um livro antigo é como se lêssemos durante todo o tempo que transcorreu entre o dia em que foi escrito e nós. Por isso convém manter o culto ao livro. O livro pode conter muitos erros, podemos não concordar com as opiniões expendidas pelo autor, mas ainda assim, ele conserva algo sagrado, algo divino, não com um tipo de respeito supersticioso, mas com o desejo de encontrar felicidade, de encontrar sabedoria”. (BORGES, 1985: 11).

Esse desejo aponta para o anseio de totalidade e completude na relação leitor e livro ampliando a “palavramundo”. A verdade é que se há um livro total há também um leitor total; e, por sinal, é possível também que o tenhamos entre nós; entretanto, dos leitores que entrevistei nenhum deixou patente o sentimento de viver para a leitura:

Não dá para dedicar-se à leitura do jeito que eu quero. Não, a realidade é muito dura e o sistema capitalista não nos deixa saída. Apesar de gostar muito de ler, quase não tenho tempo, a minha profissão exige muito de mim no sentido de que tenho trezentas horas, isto significa que trabalho manhã, tarde e noite na sala de aula. Chego em casa esgotada. O sentimento é de opressão. Se existisse Deus, eu pedia: daí-me mais um pouco de tempo só para realizar minhas leituras e eu já me daria por satisfeita. (Professora leitora).

Tal postura demonstra que os livros não são objetos destituídos de mediação social, e, por suposto são portadores de contradição. Numa sociedade como a nossa em que metade da população vive abaixo da linha da pobreza é necessário realizar uma análise crítica do tecido social e da prática da leitura nesse contexto.

De fato, o livro também é símbolo de poder e status social, pois nas sociedades modernas tem acesso a ele quem tem poder econômico. O livro insere-se igualmente na dimensão política, uma vez que se acredita que ele é determinante no processo interior de mudanças e liberdade das consciências individuais. Segundo Almeida (2001: 15):

“O livro se articula como espaço de prazer e liberdade; utopia muitas vezes solitária, independente das mediações ideológicas - fator que o torna um dos meios de subversão mais eficazes e, portanto, mais perseguidos, como bem ilustra a fábula de *Fahrenheit 451*”⁸.

⁸ Grifo do autor.

Por essa razão em época de totalitarismo os livros são as primeiras vítimas dos governos autocráticos. Para Manguel (1997) isso acontece dado à imagem dicotômica socialmente criada separando a existência dos livros da realidade;

“Com essa desculpa, e com efeito cada vez maior, a dicotomia artificial entre vida e leitura é ativamente estimulada pelos donos do poder. Os regimes populares exigem que esqueçamos, e portanto classificam os livros como luxos supérfluos; os regimes totalitários exigem que não pensemos, e portanto proíbem, ameaçam e censuram; ambos, de um modo geral, exigem que nos tornemos estúpidos e que aceitemos nossa degradação docilmente, e portanto estimulam o consumo de mingau. Nessas circunstâncias, os leitores não podem deixar de ser subversivos”. (MANGUEL, 1997: 35).

Isso está relacionado igualmente com a mistificação criada do leitor. Para muitos ele é um ser dúbio, merecedor de admiração e de desconfiança a um só tempo. Como diz Manguel (idem):

“Em quase toda parte, a comunidade dos leitores tem uma reputação ambígua que advém de sua autoridade adquirida e de seu poder percebido. Algo na relação entre um leitor e um livro é reconhecido como sábio e frutífero, mas é também visto como desdenhosamente exclusivo e excludente, talvez porque a imagem de um indivíduo enroscado num canto, aparentemente esquecido dos grunhidos do mundo, sugerisse privacidade impenetrável, olhos egoístas e ação dissimulada singular”.

O leitor acaba por transparecer essa figura capaz de modificar o real por meio do livro, e não só isso, mas fazer os outros se modificarem. Daí que a preocupação deste trabalho foi tentar desvelar essa relação, entrevistando leitores que se identifiquem enquanto tal, isto é, assumam a condição de leitores e a partir daí contem suas experiências com o livro destacando as suas leituras de formação, aquelas obras que transformaram profundamente as suas forma de ser e estar no mundo, tópico de outro capítulo.

3 ° CAPÍTULO – O TEMPO DA DESTILAÇÃO

“Não há maior deleite para o espírito que a leitura dos antigos clássicos: tão logo tomamos um deles, nem que seja por meia hora, nos sentimos refrescados, aliviados, purificados, elevados e fortalecidos; exatamente como se tivéssemos bebido de uma fresca fonte. Deve-se isto às línguas antigas e sua perfeição? Ou à grandeza dos espíritos cujas obras permaneceram incólumes e intactas por milhares de anos? Talvez a ambos os motivos” (ARTHUR SCHOPENHAUER, filósofo alemão, século XIX).

3.1. Memórias de Leitores: a voz do dono

Como iniciar este tópico? Falando da relação entre memória e história? Escrevendo sobre a relação entre memória individual e coletiva? Tenho clareza que preciso discorrer um pouco sobre estas questões, porém não é aspiração aprofundar esses temas dado a exigüidade do tempo e o contorno limítrofe do presente trabalho, intento plantar pistas investigativas para um outro momento de estudo que demande mais mergulho analítico e rigor científico.

Deixo em aberto uma possibilidade de investigação que tem como fio analítico: a memória. Na contextura deste trabalho, a mira analítica privilegiada tem três dimensões essenciais. O fazer história que se compõe de duas tendências, a primeira que se presentifica numa perspectiva do vivido e a outra na do postulado.

A segunda na concretude e na conceituação da leitura como construção social, e a terceira numa percepção de que a memória e a história precisam ser conjugadas num movimento em espiral que nunca se finalizam, mas que estão sempre se reconstruindo fornecendo novos materiais de lembrança e esquecimento a um só tempo.

Entendo que o aparecimento da escrita inaugurando a história da humanidade permitiu a sociedade uma cristalização de sua memória que não se perdeu tão completamente. De tal modo, a leitura feita pelo leitor não se pode amputar de sua vivência coletiva, sob pena de uma rigidez e uma incompreensão de sua inserção histórica no mundo social.

Mas... Ainda na tentativa de responder a pergunta colocada na abertura do presente texto, ousou afirmar que não há um perfil ideal de leitor. A minha reflexão aponta que cada leitor é em sua essência diferente, o que gera a singularidade e a convergência é o fato de ser parte coletiva do desejo inacabado de contínua descoberta do mundo e das coisas, no sentido de por meio dos livros ampliar a sua capacidade de compreensão abrangendo sempre novos horizontes e outras realidades.

Principio esta parte do trabalho tentando discorrer sobre o universo do leitor (a). Quem é esse estranho ser que como diz Certeau (2003: 269) é um (a) usurpador (a) das riquezas alheias, constituindo-se num ser que pirateia – no sentido histórico do termo – campos e feitos de outras terras e outras gentes?

“Antes de serem escritores, fundadores de um espaço próprio, herdeiros dos lavradores de outrora, porém no solo da linguagem, escavadores de poços e construtores de casas, os leitores são viajantes; circulam pelas terras alheias, nômades caçando furtivamente pelos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para deles gozar. A escrita acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um espaço e multiplica sua produção pelo expansionismo da reprodução. A leitura não se previne contra o desgaste do tempo (esquecemo-nos dele e de nós próprios), ela não conserva ou conserva mal o que adquiriu e cada um dos lugares por onde ela passa é repetição do paraíso perdido”.(CERTEAU, 2003).

É o leitor (a) um intruso esquisito e despersonalizado que penetra nas idéias de outrem: disseca-as, tritura-as, aproveita o que lhe faz bem e depois se esgueira?

Enfim, “o que é o leitor (a)?”. Esta pergunta é particularmente proeminente para o nosso trabalho, vez que sem uma compreensão do conceito do termo leitor (a) e sem uma clareza do papel que ele desempenha na relação texto – escritor fica muito difícil definir o seu lugar social, isto é, reconhecer de onde se fala: por que e para que se ecoa a voz. Para iluminar nossas reflexões em referência a este tema vamos nos apossar da seguinte frase:

“Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar é nossa função essencial”. (MANGUEL, 2002: 20):

Então, podemos entender que ler é: compreender, refletir, transformar. Assim, o ato de ler é cultivado por todo ser humano na sua relação com ele mesmo, o outro e a sociedade que o acolheu.

Em outras palavras, pode-se dizer que “ler é viver”? Sim, do ponto de vista abordado neste trabalho, o ato de ler compreende o estranho e magnífico ato de viver sozinho e em comunidade, por isso se relaciona inextricavelmente com a história – pois todo ato humano é história – , e se interpenetra com a memória, pois é a evocação da memória que nos faz seres eminentemente históricos, como diz Le Goff, a memória é a depositária da História.

“(…) A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. [...] Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (...)”. (LE GOFF, 1994: 25).

Então, o leitor é aquele que enquanto está lendo tem a capacidade de elaborar uma leitura de si e do mundo que está em seu espaço social, como diz Paulo Freire a leitura é a leitura da “palavramundo”, e assim procedendo é possível rematar que o leitor não ler apenas livros, mas sua leitura é abrangente na medida em que o seu olhar se amplia.

Ao ler um texto, seguindo seu trajeto e labirintos, o leitor evoca um sentido milenar de tradição oral que desemboca nas múltiplas significações aprendidas e aprendidas na coletividade e que estão criptografadas em convenções sociais, usos e costumes e que toma forma em leituras anteriores, experiências individuais e sociais como segundo Manguel (2002:19):

“Ler as letras de uma página é apenas um de seus muitos disfarces. O astrônomo lendo um mapa de estrelas que não existem mais; o arquiteto japonês lendo a terra sobre a qual será erguida uma casa, de modo a protegê-la das forças malignas; o zoólogo lendo os rastros de animais na floresta; o jogador lendo os gestos dos parceiros antes de jogar a carta vencedora; a dançarina lendo as anotações do coreógrafo e o público lendo os movimentos da dançarina no palco; o tecelão lendo o desenho intrincado de um tapete sendo tecido; o organista lendo várias linhas musicais simultâneas orquestradas na página; os pais lendo no rosto do bebê sinais de alegria, medo ou admiração; o adivinho chinês lendo as marcas antigas na carapaça de uma tartaruga; o amante lendo cegamente o corpo amado à noite, sob os lençóis; o psiquiatra ajudando os pacientes a ler seus sonhos perturbadores; o pescador havaiano lendo as correntes do oceano ao mergulhar a mão na água; o agricultor lendo o tempo no céu – todos eles compartilham com os leitores de livros a arte de decifrar e traduzir signos”.

Não parece me parece ser inadequado considerar que somos leitores e leitoras ávidas pelo deciframento da existência e tudo o que temos feito até agora é correr atrás da chave que abre os mistérios do Universo. Não é de se admirar que daí nasceu às religiões e tudo o mais produzido desde o nascimento longínquo da humanidade. Em que era está o nosso encontro com a nossa outra face impenetrável? Só esse exercício diário angustiante e prazeroso é capaz de identificar sua representatividade para nós outros e tão iguais. O acervo coletivo da humanidade, como diria a prof^a Nanci Nóbrega⁹, é uma fonte bastante rica e diversificada.

Em razão disso é que tomo a expressão: é necessário o estranhamento no ato primeiro de se relacionar com um livro, para daí entranhá-lo em nós como coisa nossa. Tornar o livro *estranho*, aos olhos de si mesmo enquanto leitor é preciso. Um livro que não veio ao mundo para se engessar nas salas de aula, mas que é ligado a uma cultura de um outro tempo, determinada pelos ritmos da mão e da alma e que precisa ser deliciosamente digerido nos sugerindo mudança de paladar.

3.2. Memórias Esparsas: práticas leitoras

“Se o livro que lemos, não nos acorda como um murro no crânio, para que lê-lo?” (Franz Kafka, escritor tcheco, século XX).

⁹ Professora Nancy Nóbrega ministrou a disciplina Formação e Dinamização de Acervos do curso de Especialização em Leitura e Formação do Leitor.

O grande cuidado ou preocupação em relação ao objeto desta pesquisa foi em manter a fidelidade à intenção inicial, a saber: construir um acervo dos clássicos de formação do leitor (a) na opinião do leitor (a).

Da mesma forma que Calvino relacionou os seus clássicos de “formação”, tencionei edificar um acervo coletivo das obras lidas por leitores e leitoras inveteradas no ato de ler composta a partir de suas memórias com muita dedicação e zelo.

O olhar narrativo aqui delineado considera os leitores e leitoras entrevistados como sendo parte indissolúvel da Era dos Extremos, denominação criada por Hobsbawn (2004)¹⁰ para explicitar a trajetória histórica caótica do não tão distante século XX.

Nesse período a História do mundo Ocidental conheceu profundas transformações como o advento da globalização a que François Chesnais, intelectual francês, chama de mundialização do capital¹¹. É desse lugar histórico e social que falam os leitores e leitoras e suas narrativas.

Não posso deixar de tocar na problemática de que a globalização instituiu uma nova base mundial de atuação econômica e cultural, que por sua vez reclama uma dinâmica de reciprocidade e uma disseminação planetária dos bens e serviços de consumo e cultural.

O avanço da tecnologia e da ciência da comunicação permite a velocidade e segurança nos processos de comunicação nunca vistos antes, promovendo rapidamente a produção, circulação e o consumo de bens materiais e simbólicos por diversificados povos e culturas.

Desta forma, a articulação entre o global e o local é um processo dialético com várias possibilidades, reais e virtuais, transpondo fronteiras e barreiras inimaginadas, gerando uma crise de sentido e crises estruturais em vários países com realidades completamente diferentes.

¹⁰Era dos Extremos, termo designado pelo Historiador inglês Eric Hobsbawn para qualificar o conturbado século XX. Período que conheceu inúmeros conflitos globais, sendo palco de duas guerras mundiais e por excelência da Guerra Fria pós-1945. Como explicar tantas invasões de nações pelas potências econômicas mundiais?

¹¹ A concepção de globalização adotada neste trabalho vai ao encontro da perspectiva crítica de François Chesnais.

A sensação que se tem é a de que se vive no mundo da modernidade em que a pluralidade de realidades dá a tônica do caos em que se está imerso. Se tivesse que pintar um quadro que retratasse fielmente o momento contemporâneo tal qual Picasso pintou o “Guernica”, seria muito difícil dado à nebulosa de situações difusas que foram se amalgamando a ponto de gerar a expressão “era das incertezas” para adjetivar tal período.

Nesse quadro, não haveria de faltar as seguintes pinceladas históricas: o colapso do antigo bloco socialista, a falência da economia cubana, a ineficiência constatada dos modelos de planificação econômica e o relativo sucesso de modelos econômicos ditos “liberais”, como os de Ronald Reagan nos Estados Unidos da América ou de Margareth Thatcher na Inglaterra dos anos 80, ao mesmo tempo em que se incorporou toda uma gama de análises pseudoteóricas para justificar e legitimar a interpretação de que a globalização é o último estágio da evolução definitiva da humanidade.

Para os ideólogos do capital a globalização é a única solução para todos os problemas que estão colocados para o planeta. A concorrência e o livre mercado associado a um Estado em franco processo de extinção são a conclusão de um processo de amadurecimento da Civilização, a qual poderá doravante navegar por mares de prosperidade e de progresso material e social nunca antes navegados, tudo isso conexo a um mercado “divinizado e divinizador” que se pretende mundial e único sem fronteiras, sem barreiras e plenamente integrado.

Nesse mundo que desenhei acima, insere-se a cidade de Fortaleza, capital do Ceará, que desde a década de 1980, com a chegada ao poder estadual do “grupo das mudanças” vem sofrendo um processo de adaptação a essa nova ordem econômica mundial. Considerando toda essa realidade, esta pesquisa foi tecida com o propósito de construir um acervo coletivo das obras de formação e de transformação dos leitores e leitoras entrevistados, no sentido de relacionar os escritores fundantes para a releitura dialógica do mundo na visão de quem lê, vez que se acredita com Proust que o verdadeiro leitor se lê na leitura lida.

O que tentei fazer neste trabalho foi organizar um acervo artesanal coletivo dos livros apontados pelos leitores e leitoras, que considero clássicos de formação considerando a perspectiva de Calvino (2001). Por isto quando conversava com os leitores e leitoras sobre suas experiências de leitura, sempre fazia duas perguntas: existe leitura de formação? E, quais as suas

leituras de formação? Com relação à primeira pergunta destaco abaixo duas opiniões interessantes e que revelam bem o nível de maturidade dos entrevistados:

Olha, eu acho que desde que eu me entendo por gente, livro faz parte da minha vida. Mas desde muito pequena mesmo, porque eu lembro que eu era criança eu via meu pai lendo. Meu pai foi o exemplo do silêncio, porque eles nunca disseram: — você tem que ler você tem que ler. Mas o tempo inteiro eles sempre compraram muito livro. E daí toda a minha formação veio dessas leituras. (Escritora carioca).

Pode até ser exagero meu, mas foi a leitura que me descortinou para a vida. Eu era muito indecisa, muito insegura até, e quando comecei a ler os livros e alguns deles traziam personagens sorumbáticos taciturnos, me via na pele deles, era como se fosse um espelho. E aí fui me conhecendo, fui me encontrando com os grandes escritores da alma humana. (Professora universitária).

A proposta deste trabalho é fazer uma discussão acerca das leituras de formação, acreditando como essa leitora entrevistada que,

O livro me leva para um outro lugar, o livro me dá essa imaginação. Do livro eu vou me embora para outros lugares. Eu vou além do livro, eu não posso imaginar a minha vida sem livro, sem leitura, porque é uma grande diversão, é um brinquedo. (Escritora carioca).

Pela fala da escritora percebe-se que a prática de leitura permite ao sujeito o imbricamento entre o lido e o vivido. O texto escrito admite a compreensão de determinados aspectos da realidade, ajudando o leitor a fazer a travessia. O sentido último a que remete todas as narrativas tem dois lados: de um, a continuidade da vida; de outro, a inexorabilidade da morte.

A idéia de Kafka de um leitor atingido pelo que lê, implica em que nessa leitura ocorre o reconhecimento de si, porque o leitor antes de tudo lê a si mesmo, tornando-se um sujeito ativo, inventando-se e reinventando-se continuamente, construindo-se e reconstruindo-se a cada leitura realizada. Com razão a leitura consente a cada leitor ou leitora a tomada de consciência da sua própria história.

As falas de nossos entrevistados indicam esse crescimento, essa construção histórica, sua e do mundo, permitindo encontrar a sua identidade no tempo e na sociedade, interrogar seus valores e suas atitudes e, assim, empoderar-se de sua vida individual e no coletivo (YUNES, 1995, p. 191). Na visão dos leitores e leitoras entrevistadas, o livro:

De fato tem livro que faz você ver o mundo com outros olhos. (Pedagoga).

A Bíblia me quebrou toda por dentro, depois que eu a li. (Aluna de Ensino Médio).

O livro de Machado de Assis “Dom Casmurro” foi um divisor de águas em minha vida. (escritora)

Dom Quixote, depois que eu li me impulsionou a pensar diferente. (escritora)

Tô lendo Iracema. É estranho, mas tudo é muito diferente de hoje. (Aluno de Ensino Médio).

Manuel Bandeira até hoje mexe comigo, faz mais de vinte anos que eu leio e releio. É uma preciosidade. (escritor).

Patativa é o meu grande poeta. Fala de coisas simples, da gente do povo. Nas minhas aulas eu leio e meus alunos adoram. (Professora)

Citar alguns livros e escritores que adoro? São tantos que até perco a conta. Mas deixa-me ver: Machado de Assis me rebolou, foi grande a transformação que tive depois de ler Dom Casmurro, inclusive, até hoje as pessoas se perguntam se Capitu traiu Bentinho. (Educadora social).

A reflexão que faço a partir das falas dos leitores indica duas faces imbricadas do ato de ler. A primeira é concernente ao fato de que o ato de ler remete a questão da construção do sujeito e ao mesmo tempo do prazer, relacionando-se com o prazer da descoberta; e a segunda é a descoberta de outros horizontes, de novas realidades, de mundos diferentes e de si mesmo enquanto protagonista de sua própria história.

O leitor que descobriu esse prazer tem certeza, de forma consciente ou não, da infinitude do ser, tudo é efêmero e como tal transitório, portanto a descoberta de si mesmo é também interminável, não tem fim. Quanto mais se lê, mais se quer descobrir e quanto mais se descobre, mais se avança em direção a novos horizontes. Como retrata bem essa fala:

Sabia que quando lia algo mexia comigo só não sabia o quê. À medida que fui lendo mais e mais fui dando conta das minhas inquietações, dos meus medos, dos meus anseios. A heroína da história passou a ser eu. (poeta cearense entrevistado)

Com a descoberta de si mesmo, a pessoa dá o salto para a descoberta do mundo, que nunca termina, plagiando Dona Benta¹² — está tudo nos livros, meus filhos. A outra face da leitura tem seu desenvolvimento a partir da compreensão do real enquanto construção coletiva, posto que ninguém constrói ninguém e ninguém se constrói isolado do contexto em que vive, em verdade, a construção se dá no coletivo, em comunhão.

O livro é essa possibilidade de comunhão de partilha, de “comer juntos o pão”, talvez o ato de ler seja uma estranha forma de não estar só, estando “recolhido” na leitura: é a

¹² Personagem ontológica do Sítio do Pica-pau Amarelo criado pelo escritor Monteiro Lobato.

descoberta de coisas que sozinhos não somos capazes de encontrar, é o ato de recriação da vida.

Como expressa a fala desses leitores e leitoras:

É importante a leitura do livro, porque pelo menos comigo depois do ato de ler ou mesmo no percurso, ficava sempre uma pergunta: o que aquele autor sentia, porque ele escreveu aquilo. Quando eu lia descobria tantas outras coisas que para mim era fundamental e não tinha me atentado. (escritora)

O ato de ler geralmente faz a gente odiar ou amar o escrito, nunca ser indiferente. Na verdade, o autor é um estranho ser cúmplice e ao mesmo tempo tão estranho a nós mesmos. Este é o verdadeiro ato de descoberta. (Professora)

Eu me recrio quando leio. (Profissional liberal).

Não sei se percebo grandes mudanças em mim depois que leio, sei que enxergo melhor as coisas e sinto com uma estranha tranqüilidade que o escritor tem a capacidade de antecipar a realidade. (Professor aposentado).

Se for certo que a leitura recria a gente é também certo que depois da leitura nós recriamos o mundo. (Psicólogo).

Sempre que não estou bem gosto de ler aqueles livros de auto-ajuda e é incrível como eles me dão uma esperança de que tudo melhore. (Comerciária).

O sentimento que tenho é de recriação e de diálogo cada vez que leio um novo texto. (Professora universitária)

Será que Fernando Pessoa (1980: 104) desconfiou dessa recriação na lida entre leitor, leitura e escritor, ao escrever os seguintes versos: “(...) E os que lêem o que escreve/ na dor lida sentem bem, / não as duas que ele teve, / mas só a que eles não têm (...)”. Não é de se estranhar, caso o famoso poeta português tenha se inquietado no desvendamento dessa relação.

Sob este prisma, os depoimentos acima mostram que o ser humano encontra conexão entre a sua realidade e a narratividade expressa nos livros, recriando a partir de sua experiência e com os artefatos de sua existência. Ficou claro, a partir da transcrição das falas dos entrevistados que eles superaram a mera decodificação textual, indo além da leitura em si.

De fato, a leitura faz a transcendência do real imediato para o real sensitivo. No dizer de Yunes (1995: 189): “A brutalidade da vida nordestina é mais autêntica em *Vidas secas* do velho Graciliano Ramos que em tratados de antropólogos, cientistas sociais ou geólogos”.

Assim um leitor que vai além da leitura enquanto ato de decodificar os sinais gráficos, lendo a si mesmo e o mundo, tornar-se um ser sensitivo, potencialmente afetivo. Gostaria de abrir

um parêntese neste trabalho para comentar a fonte inesgotável de afeto e sensibilidade que percebi nos leitores e leitoras entrevistadas.

Óbvio está que não posso dizer que são assim porque são leitores, mas todos foram unânimes em afirmar que a leitura ajudou no sentido de desenvolver uma sensibilidade mais refinada quanto ao entendimento e à compreensão do mundo, como manifesta esse depoimento:

Não sei se seria a mesma se não tivesse lido tanto, na verdade aprendi mais nos livros do que em qualquer outro espaço cultural. Com quinze anos eu já escrevia também. Inquietava-me com a realidade e a situação das pessoas, queria melhorar a realidade, queria fazer diferente, espelhava-me em algumas mulheres dos romances lidos como Olga, Lucíola, Tereza Batista de Jorge Amado. Enfim, esse cadinho de personagens foram se somando e me formaram, olhando-me hoje, eu gosto do que sou, sei que cresci muito e muito devo a esta catarse provocada na leitura de tantos livros de tantos escritores que carregarei até o fim da minha existência. (Pedagoga e filósofa).

Pela riqueza da confissão, nota-se que a leitora em foco adquiriu com o ato de ler uma competência central que é a de ler o mundo. Lendo o mundo o leitor se apropria da vida e como tal além de aperfeiçoar a linguagem, aprende a se anunciar por meio da criticidade. Transplanta o texto, mergulha no pré-texto, no com-texto e no pós-texto sentindo melhor a realidade onde vive. Às vezes se angustia, sente-se impotente, conhece a face frustrada da vida, mas se recompõe. Eis o que confessa essa leitora inveterada:

Dostoiévski me partiu em dois quando eu li Crime e Castigo. Um livro que trata de homicídio duplo praticado por um jovem estudante. No início você quer se rebelar contra o personagem principal, você praticamente o execra, depois você se solidariza, vira uma espécie de cúmplice como a Sônia (menina prostituta), que acabou virando uma possibilidade de redenção. Não sei onde, o autor encontrou tanta carga emotiva para colocar ali. Acho que o escritor é um espírito iluminado. (Professora cearense).

Para essa outra leitora a vida iniciou-se através do ato de ler, contudo o tempo para leitura quase não chega, diante de tantas e tantas tarefas do dia-a-dia.

Comecei a viver para o mundo quando comecei a folhear os primeiros livros que me apareceram pela frente, no início mais aventuras, depois os clássicos brasileiros (Machado, Alencar, Guimarães, Castro Alves e outros), depois Eça de Queirós, Raquel de Queirós, Tolstoi, Simone de Bouvair, Albert Camus. Hoje tenho a sensação de que o tempo que dedico a leitura ainda é pouco. Queria ser um Borges. (Psicóloga)

Nesse contexto, é necessário ressaltar a enorme diferença entre decodificar um texto e saber ler na perspectiva da formação do leitor. Decodificar é a capacidade de deciframento da mensagem simbólica anunciada pelas letras, sílabas, palavras e frases num texto; saber ler para formar a si mesmo enquanto leitor significa que este deve aprender a se introduzir no

emblemático mundo do pensamento de um outro ser, no caso o escritor, num ato dialógico de entrançamento e estranhamento mútuo de idéias, mas também de partilhamento e de síntese de pensamentos, abraçando-os ou evitando-os por meio da crítica. Como diz esse leitor:

No início eu não tinha clareza do que eu lia logo quando comecei a ler. À medida que fui embrenhando mais na leitura fui filtrando o que eu lia, então tinha vezes que eu discordava do escritor quanto ao destino dado a esse ou aquele personagem eu até reclamava em voz alta com ele, e as pessoas muitas vezes diziam que eu estava ficando doido. Hoje sei que quanto mais leio mais me torno um leitor crítico. (Professor da rede pública de ensino).

Esta opinião de um dos nossos entrevistados conduz para um outro terreno que apesar de não se constituir diretamente objeto deste estudo não é de todo indiferente, trata de uma outra face do leitor, isto é, este enquanto sujeito crítico e ativo diante do livro.

É consenso entre os estudiosos do assunto que o significado de um texto não se encontra somente na força do vocábulo e das idéias defendidas pelo autor e sim no poder de envolvimento e interação numa dinâmica dialógica e dialética entre o leitor a coisa lida e o seu criador. Trocando em miúdos, a relação leitor e texto constitui-se movimento de espiral conduzindo ao refinamento visual, mental e sensitivo no jogo de descoberta do dito e do sub-dito para além das linhas e entrelinhas escritas.

Segundo a prof^a Edna¹³:

Bom, falar de leitura como recurso na construção de uma pessoa como cidadão, como leitor crítico não é fácil, mas é um recurso que a gente pode resgatar porque ele está entranhado na nossa pele. Neste sentido a leitura tem um grande significado, pois só amadurecemos na leitura à medida que lemos e aprofundamos nossas leituras, ampliando o nosso referencial acerca do que lemos e do que assumimos como nosso ou não.

No cenário contemporâneo, hegemonicamente dominado pela cultura do impresso, pelas letras de forma, a exigência de um leitor crítico é cada vez maior, pois só um leitor capaz de criticidade tem a condição de abstrair do texto a sua composição real no sentido de desvendar os signos formadores do cosmo e os seus segredos.

O leitor crítico sabe que o texto só é compreensível quando se estabelece uma relação dialógica reflexiva de questionamento das idéias entre ele e o autor, incluindo no seu contexto

¹³ Edna Gomes Pinheiro é professora da área de Ciências da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Depoimento dado à pesquisadora por meio de entrevista gravada sobre a temática leitura de formação (2003).

vivências diferentes, do autor e do leitor, desmontando as simbologias presentes no corpo da mensagem. Remeto à confissão da professora Edna:

No mestrado foi que realmente eu aprendi a ler. Eu só vim me descobrir uma leitora crítica no Mestrado, quando entrei em contato com uma professora, minha orientadora, que dizia que aluna do mestrado tem que ler ler ler para morrer, então era texto por cima de texto, livro encima de livro. Era impressionante a forma como ela conduzia a leitura e era uma leitura crítica, que depois a gente sentava para discutir as questões, e eu comecei a perceber que assim é que se forma realmente um leitor crítico.

Pelo visto não é fácil ser leitor crítico. Entretanto, o importante é que o leitor consiga descobrir a partir das leituras efetuadas e do diálogo, questionar o que está estabelecido no livro; percebendo a diferença entre a decodificação de uma palavra e os axiomas que esta carrega consigo quando interatua com as idéias individuais que cada leitor transporta.

Assim, o leitor vai estabelecendo suas próprias leituras de mundo e pode quem sabe concordar com a professora Luiza Teodoro¹⁴, leitora inveterada de livros e de mundo:

É cada vez eu tenho mais certeza, como diz o Ziraldo ler é mais importante do que estudar, eu acho que tudo que eu adquiri interiormente veio muito mais através da leitura e, da leitura, digamos assim da leitura por prazer, por curiosidade pessoal mesmo do que pela leitura digamos pedagógica, essa que as escolas determinam.

Tão importante quanto se fazer um verdadeiro leitor é viver a experiência de se compartilhar leituras com outros leitores ou mesmo com quem ainda não se considera enquanto tal, encetando um novo aprender a caminhar, desvendando mistérios, apreendendo desafios, amainando trilhas obscuras. Isso não ocorre casualmente neste ou naquele momento de leitura, mas na gradual construção interior do próprio leitor em que se reconhece e assume que é um construtor de leitores. Quando ajo assim, estou iniciando um processo de desenvolvimento infinito sem retorno.

Leitura é tudo isso. Se isto for verdade, posso dizer junto com Mallarmé *Tudo, no mundo, existe para acabar num livro*. Com este olhar sobre o leitor, o livro e a leitura conduzi este trabalho, penso que o leitor lê e confere sentido pessoal e vivencial ao seu objeto de leitura, não acredito numa leitura que apenas se reduz a um deciframento mal-acabado de códigos configurados nas letras e símbolos do alfabeto.

¹⁴ Luíza Teodoro é professora aposentada da Universidade Federal do Ceará e da Universidade Estadual do Ceará, tem muitos livros escritos e editados. Depoimento dado à pesquisadora por meio de entrevista gravada (2004).

Quando conjecturei a possibilidade de realizar este trabalho, duas preocupações me saltaram à mente. A primeira é a de conceder irrestritamente a voz à memória dos leitores e leitoras entrevistadas, por isso todas as entrevistas foram gravadas para evitar cortar o pensamento dos entrevistados. A segunda é a de compreender qual a relação entre o universo de leitura elaborado pelos leitores ao longo de sua existência e a transformação de vida que foi se dando em comunhão com essas leituras.

O critério para a escolha dos entrevistados foi que todos eles se reconhecessem e se identificassem enquanto leitor, assim sendo, conversei com mais de vinte pessoas abrangendo a temática leitura, livro e a formação do leitor. O perfil dos entrevistados é muito heterogêneo, pois o nosso interesse maior era apreender das pessoas as suas experiências e vivências com relação à prática da leitura enquanto construção social.

Alerto para o fato de que a pesquisa aqui realizada, fundamentada na metodologia da história oral pode ser enquadrada como qualitativa, considerando que uma das características dos métodos qualitativos é o mergulho do pesquisador no contexto histórico social e a abordagem interpretativa dos dados e informações coletadas.

Na presente pesquisa, enquanto pesquisadora via-me não como um “produtora de conhecimento”, mas bem além, isto é, como intérprete da realidade dando voz e narratividade ao fenômeno estudado, por isso que além das falas observei também os comportamentos, as citações diretas de pessoas sobre suas experiências; realizei as gravações e as transcrições das entrevistas com toda paciência e cuidado para que nada ficasse de fora no ato de análise deste material.

A complexidade deste estudo encontra-se na forma de tratamento dado ao material empírico, atentando para a apreensão das informações com maior riqueza de detalhes e profundidade, pois se tratava de estabelecer vínculos entre a experiência e o significado. O conhecimento e o fenômeno, neste caso traz um estreitamento muito íntimo com o arcabouço de interpretação do pesquisador, englobando a sua visão de mundo e seu referencial teórico.

Com esta visão de pesquisa a guiar os procedimentos metodológicos; preciso confessar que uma coisa perseguia-me durante o desenlace de todo este micro estudo, qual seja: a

de não tolher o manancial de memória fértil e fantástico que saía das narrativas contadas pelos leitores e leitoras entrevistadas, daí a distinção toda especial que é dada ao relato oral por nos aproximar da incrível e imperceptível leveza da *contação* de situações vivenciadas e espontâneas que não chegaria de outra maneira a não ser através da oralidade.

O trabalho de rememorar evoca um diálogo todo especial entre o entrevistado e sua história pessoal de vida, portanto é necessário que o pesquisador respeite a fala do entrevistado, de forma a compreender o máximo dos depoimentos sem fazer juízo de valor desse ou daquele aspecto contido na entrevista. O pesquisador por sua vez terá em mãos um vasto material de documentos, pois a oralidade é uma forma de documentação da história, em que as possibilidades de exploração e investigação do objeto de estudo se ampliam, abrindo o campo de análise em que o olhar perspicaz do investigador pode “descobrir” coisas e realidades “embotadas” no tecido social.

Foi com este entendimento que iniciei a tarefa de “conversar” com as pessoas previamente escolhidas para este trabalho. A entrevista traz como distinção marcante o fato de estar sempre em busca de resgatar uma parte da história de vida do ator social que interessa enquanto pesquisador, e foi com esta preocupação que me tornei partícipe dessa “memória” evocada a partir das entrevistas feitas.

Os nossos entrevistados, em sua grande maioria, têm duas características em comum: moram em Fortaleza e são letrados. Encontram-se alguns na adolescência, outros na maturidade, poucos na melhor idade. O que os torna diferentes e por que os escolhi? Todos fizeram uma declaração de amor ao livro e ao ato de ler, sim, porque em verdade esta era a única condição previamente estabelecida, que os entrevistados gostassem de ler e que assumissem que são leitores ativos.

Como fiz para saber se os meus entrevistados são realmente leitores e leitoras apaixonados? Alguns já conhecia de perto, foram professores e professoras da Universidade; outros conheci em congressos, oficinas e seminários sob o foco do tema de leitura; não poucos eram pessoas do meu convívio pessoal e profissional, permitindo-me fazer a seguinte pergunta-chave: Gosta de ler? Esta era a senha, a partir disto, tudo o mais acontecia. Marcava encontros, telefonava, ia à casa da pessoa, enfim o processo fluiu normalmente.

O sentimento de que a condição de sujeitos históricos – sociais urbanos exige de todos um certo padrão comportamental leva-me a lembrar de que os leitores e leitoras entrevistados são portadores de uma identidade bem peculiar com relação à condição de ‘existência atual’. Na grande maioria nossos leitores e leitoras são oriundos de famílias de condição social humilde (conforme maioria dos depoimentos), embora hoje exercem ou exerceram atividades profissionais na área do conhecimento.

Alguns não permitiram que fizesse menção deles no trabalho escrito, preferindo o sigilo da entrevista, apesar de concordarem que citasse seus depoimentos. Em alguns momentos, porém cito trechos da entrevista feita com a jornalista Adísia Sá, as professoras Carmem Silvia, Edna, Luiza Teodoro, a escritora Nilze Costa, o poeta Manoel César e a escritora Ana Cláudia para ilustrar este trabalho.

Nas narrativas foi possível colher um rico material documental para fundamentação empírica deste estudo, dividi o manuseio analítico deles em dois momentos: num primeiro momento, transcrevo a fala reveladora de alguns entrevistados acerca da concepção de leitura e da relação leitor & livro. No segundo, identifico nos discursos os pontos de convergência e divergência com relação aos discursos proferidos sobre as práticas de leitura, tentando identificar as linhas de encontro no que diz respeito à iniciação no mundo da leiturização.

Relaciono, ainda as principais obras lidas e apontadas pelos leitores e leitoras entrevistadas como os seus clássicos de formação, parafraseando Calvino. Este trabalho caminha numa trilha de recuperação da memória individual sem, contudo, relegar a um segundo, terceiro ou quarto plano a memória coletiva, abordada no próximo trabalho em que pretendo me aprofundar mais neste viés.

Antes, gostaria de relatar um pouco o que foi para mim, não apenas como pesquisadora, mas principalmente como ser social e individual a um só tempo, o que foi essa experiência de parar e ouvir tantas e tão múltiplas pessoas acerca de suas vivências de leitura e de ser leitor. Na verdade, a cada nova entrevista marcada, preparava-me interiormente, primeiro no sentido de efetuar o abraço amigo daquele personagem “o leitor” que estava partilhando comigo a sua prática; assim fazia um ritual que a grande preocupação era me vigiar para que o entrevistado ou entrevistada ficassem bem à vontade, e conversássemos como se fôssemos velhos amigos.

Conheci a ambiência de muitas pessoas e fiquei maravilhada com a construção diferenciada que é cada casa, cada ninho que o ser humano prepara para se refugiar da labuta dos dias de trabalho que parecem não ter fim. Foram mais de trinta horas de entrevistas gravadas com as pessoas e depois mais de duas semanas para transcrevê-las sem deixar nada escapar.

Organizei um rico acervo desse material que certamente será revisitado num outro momento posterior de pesquisa a que pretendo me dedicar. Nunca vi tanta alegria nos olhos, prazer em relatar suas experiências, contar casos fugidios reservados pela memória que teimava em esquecer. Não raras vezes me emocionei com os relatos, como este que até hoje se gravou em minha memória feito tatuagem:

A gente pensa que não tem História, que não tem nada para contar. A gente se habituou a pensar que só os grandes têm História, e agora sentada aqui com você, Elione, me vem à mente todo esse percurso histórico meu, que ninguém pode me tomar. As memórias da minha infância me vêm à tona de supetão, e vejo até, como foi meu processo de alfabetização, que foi em casa, minha mãe me dando papel e mais papel para que eu pudesse copiar as letras dos rótulos; depois as primeiras leituras, a Bíblia lida no grupo de jovens cristãos que eu participava. A leitura de trechos do Evangelho na missa dominical. Era um privilégio quem fazia a leitura no domingo, lá na Paróquia de Parangaba, pois o padre Zanella exigia pontuação, entonação, dicção e uma leitura fluida. E eu várias vezes realizei essa leitura, minha mãe tinha um verdadeiro orgulho de mim. (Professora aposentada).

Confesso que foi gratificante adentrar um pouco na vida pessoal e social dos pesquisados. E quando digo isto é me lembrando das vezes em que sai de minha casa nos domingos – dia do descanso – e lá estava ele ou ela pacientemente a me esperar para revelar suas memórias mais guardadas, atentando para a fala de uma aluna que me disse:

Professora, não sabe a honra que tenho em lhe receber aqui em casa, a gente se vê tanto lá na escola, mas nunca freqüentamos a casa uma da outra. Fico feliz em lhe falar das minhas leituras, pois só assim a gente vai se conhecer melhor.

Descobri nesses percursos que temos muitos heróis e heroínas anônimas em meio a essa convulsa e confusa realidade em que vivemos, como se depreende da História de vida da professora Carmem que teve seu nascimento no interior do Ceará, mas ainda menina de colo “arribou” com os pais para Fortaleza na tentativa de perseguir vida melhor.

A família aqui chegando vai residir pelos lados do Benfica. A mãe costureira, o pai “protegido por um político de quem era afilhado” arranhou emprego público na Estação Ferroviária, ambos “sabiam ler e escrever para o gasto”, pois foi em casa que aprendeu a ler e a escrever com a sua mãe.

Apesar das dificuldades os pais conseguiram matriculá-la numa escolinha para cursar o “primário” hoje Ensino Fundamental; e posteriormente passa no teste de admissão para fazer o “Normal”, atualmente Pedagógico, no Colégio Justiniano de Serpa.

É de lá suas melhores lembranças e também as mais tristes. Não esquece a imponência e o orgulho do Colégio: seus medos foram todos semeados lá. “Os professores sisudos e sábios eqüidistantes não desciam do tablado para dar trela às alunas”. Na fala da professora é possível entrever uma ponta de indignação com a educação pública dos dias de hoje:

Tínhamos um respeito desmesurado e reverente pelos nossos mestres. Não é como nos dias de hoje, minha filha, em que professor corre o risco até de ser assassinado nessas escolas.

Foi lá do “Justiniano” que pegou gosto de verdade pelo *ato de ler*. Das leituras que realizou guarda com precisão: os livros de Machado de Assis (com destaque para Memorial de Aires), os romances de Bernardo Guimarães (O Seminarista – leu e releu, chorando e se desesperando com a grande injustiça de amor que foi feita ao casal Eugênio e Margarida); leu de José de Alencar: o Guarani, A Pata da Gazela, Senhora, Lucíola e outros que não se lembra mais; leu Monteiro Lobato (é fã dele) e Jorge Amado (Capitães de Areia, Gabriela e Tereza Batista Cansada de Guerra); Homero (a Odisséia); leu “Eneida de Virgílio” e Camões (o grande poeta português), leu também Literatura de Cordel que era muito fácil de encontrar nas ruas de Fortaleza e os seus pais gostavam de ouvir.

Leu muito, também a Bíblia porque “era católica praticante” e seus pais sempre pediam aos domingos que ela lesse em voz alta para eles passagens bíblicas e assim ela o fazia. Gostava de ler muito o “dicionário” não só de consultar:

Pegava o pai dos burros como o povo chama e saía lendo o significado das palavras e tentando juntar com as que já sabia.

Outra coisa que lia muito era os jornais (O Estado, O Unitário, O Povo – qualquer um que lhe caía nas mãos, mesmo os velhos –, pois “só assim ficava por dentro do que estava se passando na sua Fortaleza, podia saber como vivia o povo rico que saía nas colunas sociais, a agitação que se dava na cidade; podia ainda, se informar sobre o Brasil, a Guerra e o que se dava no mundo todo”).

Lia os contos de fada para os seus alunos como os contos dos Irmãos Grimm, a Cinderela, a Gata Borralheira, o Pequeno Polegar, a Branca de Neve e os Sete Anões, Pele de Asno etc, até hoje lê e conta histórias para seus netinhos. Os livros que falavam do folclore brasileiro como as lendas: Iara, a mãe d'água; Saci Pererê; o Negrinho do Pastoreio, Caipora e tantas outras, também eram lidas por ela para seus alunos.

Conta com uma firmeza no olhar que hoje em dia está procurando reler os livros de sua adolescência, alguns tem em casa, outros pede aos filhos que fazem faculdade para pegar emprestado na biblioteca. Apesar da “vista fraca”, não abandona a leitura, pois tem consciência de que só através da leitura é que as pessoas são verdadeiras cidadãs, por isso procurou incutir nos filhos o gosto pelos livros e procura fazer o mesmo com os netos contando historinhas que eles adoram.

Perguntada sobre quais as leituras que suas colegas realizavam, disse que:

“As amigas do Colégio liam os livros sugeridos pelos professores que eram as leituras didáticas, os clássicos da literatura brasileira como Machado de Assis, Olavo Bilac, Eça de Queirós, Joaquim Manuel de Macedo. Liam, também Camões, Eça de Queirós. Leituras de orientação moral como Imitação de Cristo. Livros sobre a vida dos santos. Enfim toda uma gama de literatura que o colégio exigia como textos sobre a “área pedagógica e didática”.

Acrescentou, que não havia discussões e debates sobre os textos, unicamente os livros eram lidos para cumprir as tarefas escolares, uma vez que depois tinham as fichas de leituras para serem respondidas e os assuntos dos livros caíam nas provas. Contudo, tinha uma amiga que ela chamava de “cúmplice das leituras” e que sempre partilhava todas as obras lidas e cada uma defendia seu ponto de vista, lendo uma para outra os autores de poesias que mais gostavam e também, as partes dos livros que mais fascinava.

Instigada sobre a importância da leitura na vida dela respondeu risonha:

Ah! É tudo não é?! Foi através da leitura que eu encontrei o meu lugar no mundo. Através da partilha do que eu lia sozinha ou em grupo com as pessoas que amavam a leitura é que pude saber de tanta coisa sem sair do meu cantinho. Aqui de Fortaleza viajei em tantas terras, conheci os dramas e as alegrias de tanta gente que nem te conto. Havia hora de eu estar rindo ou chorando e meus filhos virem me perguntar: que foi mãe? E eu respondia: não é nada meus filhos é só aqui essa passagem triste ou alegre aqui do livro, conforme fosse o caso, entende?

E continuando em seu relato a professora arrazoou:

Até a minha profissão eu devo a ela, à leitura... se não fosse ela, como é que eu ia aprender e ensinar? Sim, porque está tudo nos livros certo?! Como disse D. Benta do Sítio do Picapau Amarelo – está tudo nos livros, é só procurar – aí, eu tenho muita gratidão por todos àqueles que me ensinaram a ler, pois foi através deles que eu cresci, me desenvolvi, posso até dizer: foi assim, com muita paciência e sempre levada pela mão para o reino da leitura que sou tudo o que sou.

A professora durante as nossas conversas sobre leitura (assim ela entendia), falava como um brilho tão límpido no olhar, com uma voz tão clara, é como se naquele momento tivesse lugar à evocação da memória perdida. Veja-se a seguinte confidência:

Por que digo isto? Porque até hoje, mesmo doente e com esta idade eu ainda estou aprendendo... E com quem? Com os livros! É certo que as minhas plantas e flores e filhos e netos e toda a gente muito me ensinam...Mas o verdadeiro é que eu tinha muitas crises de existência, não compreendia bem as injustiças, as perversidades sociais, as diferenças de classes e tanta coisa ruim de desencontros entre as pessoas, eu era muito revoltada entende? E só na leitura eu pude pelo menos ter tolerância existencial para se não aceitar (que eu ainda hoje não aceito), ao menos compreender e dialogar e me posicionar a favor da vida e da libertação... E tudo isso eu construí numa relação bem íntima com a leitura... É por isso que até hoje eu não desprego do livro, mesmo com a vista ruim.

Pelo depoimento de D. Carmem Silvia é possível perceber o quanto à leitura foi e é ainda parte fundamental da vida dela, com ela o texto não se reduz a um instrumental em que se debruçam letras e signos gráficos, mas ela efetua a operação do deciframento da *palavramundo*, assim sendo nesse processo de leiturização a relação leitor – autor – texto não cai no vazio, e sim engravada de possibilidades de interpretação e compreensão do estar no mundo e do transformar o mundo.

Outro destaque que desejo dá neste trabalho diz respeito às memórias da jornalista Adísia Sá, jornalista, professora das Universidades Estadual e Federal do Ceará, é reconhecidamente uma intelectual de grande valor, dela diz LINHARES FILHO no prefácio do livro “Capitu conta Capitu” lançado por ela (SÁ, 1992:07):

“Adísia Sá, ao lado de sua condição de Professora Emérita da nossa Universidade, de ensaísta, de radialista e sobretudo de jornalista conceituada, combativa e corajosa, revela-se agora talentosa ficcionista, escrevendo uma novela cuja leitura há de apaixonar leitores comuns, além de empolgar a crítica em geral e particularmente os machadianos”.

Outro depoimento que trago ao trabalho para melhor conhecer o “lugar social” de nossa entrevistada, de “onde ela elabora e constrói o seu discurso”, é a fala da saudosa escritora cearense Raquel de Queirós (SÁ, 1992:11):

“Começo por declarar que não acredito em prefácios – principalmente quando o autor do livro é nome famoso, ele próprio a sua garantia de valor. Mas eu não iria perder a oportunidade de falar neste livro de Adísia Sá, mulher tão importante na sua terra, na sua imprensa, na nossa cultura cearense; se ainda não extrapolou de lá, foi porque não se interessou por isso”.

A jornalista Adísia Sá além do livro “Capitu conta Capitu” escreveu outros livros como: “Metafísica, para quê? (1971)”; “Introdução à Filosofia (1975)”, assim como outros títulos na sua área profissional de Comunicação Social e Filosofia, quem dá o seu testemunho sobre os traços de personalidade dela é a jornalista Ivonete Maia: “Por isto, Adísia se distingue: não passa omissa e contemplativa, sobre os acontecimentos do seu tempo, mas, como jornalista e professora, deixa sobre esses acontecimentos a sua marca”.

Foi com o sentimento de profunda admiração que liguei um dia para a professora e jornalista Adísia Sá, e lhe pedi um minuto do seu precioso tempo em que expliquei o motivo e a importância de meu trabalho, falei do curso de especialização em “Leitura e Formação do Leitor” e do quanto era relevante para mim se ela me concedesse uma entrevista, marcou para uma semana depois, deu-me seu endereço e eu feliz da vida preparei-me para o tão esperado momento.

Só lembrando que esta pesquisa tem um propósito bem específico, entender se as leituras realizadas pelos leitores e leitoras no seu percurso de vida foram determinantes para a sua construção enquanto sujeito social e se eles tinham consciência disso. Por isto trago tão minuciosamente as falas que bem expressam este objetivo, uma vez que reconheço como Manguel (2002:21) que a possibilidade da leitura é a possibilidade de abertura da compreensão e da imersão do mundo em que vive o leitor:

“O universo, na tradição judaico-cristã, é concebido como um Livro feito de números e letras. A chave para compreender o universo está em nossa capacidade de lê-los adequadamente e dominar suas combinações e, assim, aprender a dar vida a alguma parte daquele texto colossal, nossa imitação de nosso criador”.

Através da rememoração de fatos ligados a sua infância Adísia Sá contou que vinha de origem social humilde e que tinha adentrado no “cosmo” da leitura pelas mãos dos irmãos:

Comecei com os meus irmãos, porque sou de uma família que não tinha tradição de leitura, meus pais eram pessoas muito simples, não sabiam de nada, letradas, mas não eram pessoas onde você se visse

cercada de livros não, mas os meus irmãos mais velhos já estudavam no Liceu então fui tendo acesso a leitura e os livros de repente começaram a aparecer na minha vida e nunca mais me separei deles, eu gostei.

A primeira questão lançada a nossa entrevistada foi à influência que a leitura teve em seu percurso profissional, pois achávamos que as atividades profissionais exercidas por ela (jornalismo e educação) estavam permeadas pelo mundo da leitura, a resposta dela a essa pergunta foi sintomática a meu ver:

Bom pra eu dizer isso dá pra entender que eu comecei a ler com aquele objetivo, não eu sempre gostei de ler, pela leitura em si e não racionalizar, por hoje é muito fácil você explicar racionalmente, intelectualmente porque fez as coisas, acho que dando o sentido de continuidade uma intencionalidade, pra mim foi isso, eu vivi a minha vida, eu gostava de ler, é eu lia não sei nem se gostava sei que lia desde menina, eu gostava muito.

Apesar da nossa entrevistada no início da sua fala dizer que não reconhece a relação direta entre as leituras realizadas por ela ao longo de sua existência e a carreira profissional que abraçou, percebemos nas entrelinhas de seu discurso esse reconhecimento sutil entre a leitura e a sua própria vida como na expressão:

Eu vivi a minha vida, eu gostava de ler. É eu lia e não sei nem se gostava do que lia; sei que lia desde a infância e eu gostava muito da prática de leitura em si, e do contato imediato, digamos assim, com o livro.

E ainda num outro momento da entrevista ela reconhecia tacitamente:

Livro para mim faz parte da minha vida.

A percepção que se tem ao ler o depoimento da leitora entrevistada¹⁵ é que tem consciência do papel da leitura em sua vida, compreendendo que, quanto mais lê, mais descobre, e mais precisa descobrir. Perguntada sobre o que costumava ler na sua infância e na sua adolescência ela disse que:

O primeiro tipo de leitura que eu tive foi história em quadrinhos, eu sou de uma geração do Globo, do Guri, de filme de histórias em Quadrinhos, de aventuras do Tarzan, de Mandrake, do Príncipe Submarino, então nós trocávamos revista no Colégio Imaculada, colégio que eu gostava mais daqui.

Quanto aos livros que mais gostava de ler a jornalista, afirma:

Eu posso dizer a você que os livros que mais me marcaram, por exemplo, o Érico Veríssimo que é um livro que pouca gente conhece "As Aventuras de Tibiquera " esse livro eu, nas minhas andanças, mudança de casa, doações de livro eu perdi esse livro, mas agora a pouco eu consegui um exemplar

¹⁵ Refiro-me a professora Adísia Sá.

difícil num antiquário de uma ex-aluna a Vilany Praciano, então As Aventuras de Tibiquera, era uma metáfora quando eu descobri a História do Brasil, a história de um indózinho que vai crescendo.

Citou particularmente aqueles que mais a marcaram e que até hoje lembra das histórias lidas, ou seja, a memória guardou com extremo cuidado:

Depois outro livro que me marcou demais foi "O coração" de Edmundo Camite e "Krestomatia", essa é uma leitura que ainda hoje eu sei todinha, são histórias que "O Coração" de Edmundo Camite é cheio de histórias que lhe dão uma lição de moral que você não sabe, mas no fundo você percebia que aquele comportamento das pessoas aquilo era fundamental na sua própria vida, então eu posso lhe dizer que foram esses 3 livros e eu hoje ainda tenho Krestomatia que eu tenho o Krestomatia e na fotografia antiga, que foi que eu aprendi, e como eu falei "As "Aventuras de Tibiquera" de Érico Veríssimo, eu consegui depois, porque esse livro eu li com muito carinho né, e finalmente "O Coração" de Edmundo Comite, eu li no decorrer da minha vida, eu ganhei um exemplar que era da Ester Barroso, ela sabendo da paixão que eu tinha pelo livro, me deu e eu tenho esses dois, a partir daí nunca mais eu soltei um livro, livro pra mim faz parte da minha vida.

Continuando a entrevista indaguei da professora e jornalista como a leitura foi ao longo da sua existência tornando-se parte essencial na sua forma de ver e entender o mundo, no que ela respondeu:

Como eu lhe falei, esses livros foram importantes pra mim e no colégio Imaculada a gente lia aqueles livros de formação interessante sobre os Santos, aquela coisa toda, mais a leitura vindo também pelos livros dos meus irmãos, eles eram alunos muito prendados, alunos do Liceu, do Jader de Carvalho, então eu lia muito os livros deles de muita orientação marxista, comunista né e eu só de mal não queria seguir aquela mesma linha dos meninos mais pra mim era fundamental a literatura e eu sempre gostei muito da literatura, o livro que me marcou também que era de formação moral foi "Imitação de Cristo", que era um livro básico da igreja católica. Então eu tive acesso ao "Newton", eu tive acesso à "Scarpa", "Sócrates", "Eurípides" porque era uma coleção extraordinária. A partir daí a literatura entrou na minha vida muito, muito, muito da obra prima da literatura mundial e universal, então eu comecei a ler muito, muito essa coleção pra mim foi um grande encontro com a vida, muito, muito. A partir daí eu tinha uma biblioteca muito rica, mais de 3 mil livros, mas quando eu me mudei de casa onde eu tinha quarto e garagem só com meus livros, quando eu me mudei pra cá, eu me desfiz de parte da minha biblioteca, doe pra faculdade, pra Universidade para o curso de Jornalismo, pra Estadual, curso de Filosofia, mandei pra Caucaia, me desfiz dos meus livros, agora a pouco tempo eu comecei a ter alergia, renite alérgica e me desfiz de novo de muitos livros, doe pra Academia da Polícia Militar, então hoje eu tenho o mínimo até onde pegue pouca poeira e lá no meu gabinete onde tem meu computador, são leituras imediatas de consumo de maneira que nunca mais me afastei da leitura, a leitura pra mim é uma necessidade, é uma necessidade".

É importante observar que o "gosto" pela leitura está relacionado, também, num certo aspecto com o acesso aos "livros" como se pode depreender da fala da entrevistada, primeiro os irmãos estudam no Liceu, são mais "velhos" do que ela e levam os "livros" até o seu convívio, depois um senhor pede para que deixe uma "coleção completa da Obra Universal de Literatura na sua estante", e ainda existe o acesso a uma educação pública de qualidade como a que tinha em meados do século XX.

Em minha visão a entrevistada vai formando um espaço de leiturização em sua cabeça e no seu cotidiano, de forma a permitir a dilatação dessa experiência sempre mais. Não é à toa que o seu capital cultural é muito extenso. Na verdade, sem o acesso a um espaço cultural motivador da prática de leitura é muito difícil constituir-se um ser humano plenamente leitor. Isto me faz lembrar Manguel (2002: 20):

“A experiência veio a mim primeiramente por meio dos livros. Mais tarde, quando me deparava com algum acontecimento, circunstância ou tipo semelhante àquele sobre o qual havia lido, isso me causava o sentimento um tanto surpreendente mas desapontador de *déjà vu*, porque imaginava que aquilo que estava acontecendo agora já havia me acontecido em palavras, já havia sido nomeado”.

Assim se deu o entrançamento dos livros no universo de leituras feito ao longo de sua vida pela “mulher” Adísia Sá. Obviamente, não tenho elementos para constatar até que ponto essas leituras foram “perfilando” o jeito de ser feminino da professora, uma vez que seria necessária uma incursão aprofundada não apenas no campo de conhecimento que abrange as fronteiras já delimitadas neste estudo: história, memória e leitura.

Adísia Sá pode ser considerada um exemplo de leitora crítica, pois lendo o seu livro “Capitu conta Capitu” percebe-se uma “leitora” que rompe com o viés de visão do escritor (neste caso o escritor em questão é Machado de Assis e a sua obra “relida” é Dom Casmurro), na qual a leitora-mulher Adísia Sá reescreve uma novela e de forma ousada dá “voz” a Capitu, o eterno feminino “calado e silenciado” na grande maioria dos livros escritos. Quem sabe esta análise não fica para um outro trabalho a ser desenvolvido recentemente?

Outro ponto que me instigou neste pequeno ensaio foi à questão relacionada ao cotidiano de leitura da entrevistada e se havia uma discussão ou debate das obras lidas com os contemporâneos ou contemporâneas, para tanto fiz a seguinte pergunta: Professora quais os livros que na sua adolescência, junto com seus colegas, vocês trocavam idéias?

Ao que ela respondeu:

“Não, não tinha troca de idéias. Não, porque a formação que eu tenho é do colégio Imaculada Conceição, a preocupação das religiosas era formação moral católica e assim eu fui membro da casa da ação católica da juventude, estudantil católica, não discutíamos literatura nem livro nem nada. Quando passei pra faculdade, entrei na juventude universitária católica, então tinha um grupo que discutia muito é essa mudança da igreja, e ficava mudando muito mas eu mudei desse grupo, porque eu achava que era um grupo muito idealista, do ponto de vista intelectual e o meu desejo era mudar a sociedade, eu não queria saber porque o Gabriel Marcel tava dizendo aquilo eu queria saber porque tinha gente passando necessidade.

Insistindo na pergunta, a refiz, porque eu precisava saber se a leitura era realmente um “ato solitário” ou se havia possibilidades de partilha grupal e coletiva dos livros que lemos e vivemos, por isto voltei ao assunto com uma nova pergunta – E as suas amigas de geração?

Não, eu não sou mulher de muita amizade íntima de nada, eu tinha o meu grupo da faculdade de filosofia, nós éramos uma turma muito pequena, nós éramos 10, terminamos somente 6 de filosofia pura, aí sim aquele grupo procurava mais a minha companhia porque eu era uma estudante profissional, então meus pais a minha mãe tudo que for pra aprender, pra se formar o dinheiro tem, bobagem não tem, então os professores citavam o livro, eu comprava o livro, estudava e os meus colegas iam pra lá não porque tivessem o livro, mais para que eu falasse sobre o que eu tinha lido, então isso foi, aí, foi muito importante o meu grupo de filosofia pura, né? O Tarcísio Fernando de

Lima, a Lione Benevides, o Osmar Diógenes era um grupo muito pequeno e nós estudávamos bastante, o Osmar chegou quase no final do nosso curso, e ali nós estudávamos bastante, nós estudávamos bastante filosofia pura, filosofia pura principalmente”.

O fato de ter insistido nesta pergunta sobre a relação entre o que se lê e a partilha com outras pessoas do que elas lêem e vice-versa é porque geralmente os estudiosos do assunto colocam que a leitura moderna é um ato solitário, e eu gostaria de perceber minimamente essa faceta da leitura, uma vez que se tem a clareza de que muita coisa que se lê realmente fica circunscrito no universo pessoal de quem leu, apesar de esta não ser uma preocupação central deste trabalho.

A visão da professora Luiza Teodoro sobre essa relação é de fundamental importância para o desenlace desta pesquisa, por isto trago-a neste momento. A professora me recebeu carinhosamente em sua casa na Floriano Peixoto e de posse de suas narrativas confidenciou o extremo prazer de ler.

Iniciei dizendo o teor do trabalho (que a deixou muito feliz) e lhe fiz a seguinte pergunta: em que momento a leitura foi determinante para a formação dessa pessoa que você é hoje, em outras palavras, na construção do “eu”? E a professora acaba por confessar num tom intimista:

Eu tive muita sorte porque eu sou filha de uma professora e de um intelectual. Meu pai era jornalista, minha mãe professora, e eu nasci numa casa cheia de livro, e, aliás, ainda continuo; tem gente que acha uma bagunça, eu acho que faz parte de mim, e desde que eu me entendo que a leitura para mim é fundamental. Eu fui filha única e meu pai lia para mim e para minha mãe. Muito antes, acho que muito antes, eu aprendi a ler, eu não sei, não me lembro de não ler. Dizia os meus pais que eu tinha lido muito cedo, tanto que eu tive problemas naquela época de entrar na escola, que chamava primário naquele tempo, porque eu só tinha cinco anos e entrei numa classe que, teoricamente, deveria ser para alfabetizar e eu já era perfeitamente alfabetizada.

A fala da professora Luiza Teodoro conduz a reflexão que muitos estudiosos tem colocado em suas pesquisas, isto é, a necessidade de um ambiente familiar acolhedor que estimule as crianças desde cedo a prática de leitura. Na verdade, a leitora admite que foi alfabetizada por seus pais. Creditando ao seu pai, jornalista, o gosto de ler que hoje tem e conclui que:

O que me motivou basicamente para leitura foi esse aspecto afetivo. Na verdade, sentar com meu pai e minha mãe; e, ouvir meu pai ler foi decisivo para a leitura ser uma referência básica na minha vida. Porque é claro que eu não tinha compreensão da leitura, meu pai lia porque tinha prazer de ler. Só que eram dois adultos, e o que o meu pai lia era leitura de adulto.

Mais adiante ela diz:

Claro que eu tive livros infantis, ai é outra coisa, mas o meu pai, eu me lembro eu deveria ter sete, oito anos meu pai leu Os Sertões em voz alta para minha mãe e eu ouvi todinho, é lógico que não tinha menor possibilidade de compreensão, mas quando depois eu li Os sertões, já adulta é que eu percebi que uma criança ela aprende muito mais do que a gente pensa, porque é claro que eu não aprendi a linguagem totalmente, a estrutura do texto e tal, mas os sentidos digamos assim afetivos na existência de Canudos isso eu já tinha e aprendi assim sem muita consciência, certamente eu não me lembro muito, mais certamente meu pai leu Os Sertões porque ele era um homem, eu não diria de esquerda, mas certamente um homem liberal e ele admirava profundamente a luta do povo de Canudos.

Assim a construção da pessoa Luiza Teodoro deu-se num tempo suficiente para naturalizar a convivência entre o livro como um elemento de cultura e conhecimento, mas também de diversão, apenas acrescentando outros elementos a essa experiência. A sua formação de leitora é simplesmente fascinante, dando-se por meio de uma cumplicidade criada por seu pai em sua imersão no livro e na leitura. Eis o que diz como axioma de vida:

Eu acho que a leitura continua sendo a mais agradável a mais freqüente, a mais permanente forma de entendimento do mundo na minha vida. Desde que eu passei a ouvir as leituras de meu pai que eu nunca mais deixei de ler e até hoje não existe para mim um prazer maior, há prazeres iguais, mas maiores do que a leitura não há, e também tenho absoluta certeza que tudo que eu aprendi realmente foi muito mais por essas vias da leitura; como eu disse, a leitura que me agrada, a leitura de ficção.

Na verdade, a leitora que se manifesta nesta fala sabe que o livro não é apenas um artefato de cultura ou conhecimento, mas sim um movimento interminável de atos e ações que se amalgamam por meio das mãos de um estranho arquiteto que une a um só tempo cronologias estabelecidas em eras distantes com a de agora no exercício da leitura feita pelos olhos do leitor. E depois a leitora se auto-analisa:

Eu tive também uma infância mergulhada entre livros e leitura, e eu volto a dizer que a questão da leitura na infância é importante, porque creio que essa deve ser a principal responsabilidade nossa, né? É de dá meios às crianças a terem acesso aquilo que a gente deseja que elas gostem, eu tinha ao lado das leituras do meu pai, os romances da vida e dos livros éticos etc.

Os hábitos de leitura vão se modificando com as próprias transformações processadas na sociedade moderna a partir do século XX, porém a leitura é um campo fascinante, que atrai ficcionistas e estudiosos e mesmo pessoas simples, segundo o poeta Manoel César¹⁶:

A leitura é básica na formação do ser humano. Sou um estudioso e nas horas vagas, leio muita literatura, constantemente. E a Nilze¹⁷ está muito a par disso porque trocamos idéias dos livros que lemos, discutimos os temas e tudo. É isso que vem nos alimentando muito tempo.

¹⁶ O poeta Manoel César, nascido em 1948, terminou o curso de Direito em 1979 na Universidade Federal do Ceará – UFC, dele disse o cineasta Rosemberg Cariry “(...), não vê onde colocar sua sensibilidade no mundo desumano do jurídico, os homens se devoram”. (CARIRY, 1983: orelha do livro “A poesia ainda existe”). Outro poeta que tentou “pintar” a alma de Manoel César foi Dimas Macedo do afirmar que “(...) sendo um poeta lírico, de profundíssima sensibilidade, consegue igualmente ser um poeta social, mesmo que a sua poesia não apresente qualquer densidade ideológica (...)” (MACEDO, 1985, prefácio do livro “Sintagmas de Solidão”). O poeta escreveu os seguintes livros: A poesia ainda existe, 1983; Sintagmas da solidão, 1985; Mágicas palavras, 1988. Os livros editados pelo escritor são todos de poesia.

¹⁷ Nilze Costa é a esposa do poeta Manoel César, também escritora e amante de livros e de leitura. Tem uma vasta atuação na área de Direitos Humanos e dos Direitos da Mulher. Tem os seguintes livros escritos: O Esconderijo dos

Um dos momentos mais fascinantes dos relatos colhidos nas entrevistas trata da descoberta da leitura enquanto sentido do coração, segundo os depoimentos:

Ler para mim é uma arte sempre necessária. Mais do que televisão, cinema ou qualquer outra linguagem; ler livros é um grande prazer e dor para mim, pois coloca em xeque o meu próprio coração, o meu jeito de ser, a minha forma de estar no mundo. (Professora).

A leitura de livros me propicia a possibilidade de ser múltipla sendo única, de realizar, através dela, minhas inúmeras personalidades. Para mim ler é fazer a vida ser amada e valorizada, dialetizando a existência. Leitura é uma necessidade humana. (Escritora carioca).

Através da leitura o ser humano se recria, reinventando o coração como a poesia reinventa a vida. Não vejo como organizar a minha vida sem leitura. (Poeta cearense).

Uma viagem nas narrativas colhidas permite-me constatar que mesmo diante de todos os aparatos tecnológicos da atualidade as pessoas continuam fascinadas pelos livros, coexistindo apesar da informática, um amplo espaço de magia.

Penso em como o predomínio quase total dos meios de comunicação na rotina das pessoas na era da globalização, não impede a presença dos livros dando permanência à cultura milenarmente registrada.

Assinaladas pela escrita as palavras vão dando conta do universo que em si muitas vezes parece vão, daí vale a pena trazer Drummond e o seu poema O LUTADOR (1992: 182): “Lutar com as palavras / é a luta mais vã / Enquanto lutamos / mal rompe a manhã. / São muitas, eu pouco (...)”. Será que este é o sentimento que move o leitor? Se apoderar do mundo, dos seus intentos, da sua vida por meio da relação permitida e transgressora com a escrita gravada na própria pele, pois que as palavras caminham e contam histórias de amor e gente; de ódio e angústia; de paz e guerra; de existência e morte, enfim permite a entrada no Paraíso e no inferno no minuto do olhar na folha grávida de gentes falando e expressando a estranha impenetrabilidade do ser?

Anjos (romance: 1985); 10 Contistas Cearenses (antologia: 1981); No Fundo do Poço (novela: 1982); O Velho (ficção: 1983); Multicontos (antologia: 1983); Dilúvio (contos: ano ?); Talento Feminino em Prosa e Verso (antologia: 2002); Viagem (contos e crônicas: 1981) e Mulheres de Papel (1987). Tem uma vasta produção intelectual nos jornais: O POVO e DIÁRIO DO NORDESTE.

Por isso que junto à leitura dos livros é necessária a experiência da oralidade, como revelou a professora Luiza Teodoro em seus guardados da memória:

Eu tinha a minha avó, a minha avó era um folclore. A minha avó era uma mulher do povo simples, analfabeta, voluntariamente analfabeta, minha avó certamente se recusou a si alfabetizar. Ela viveu dos 95 anos de vida dela, ela viveu a maior parte aqui na cidade, mas ela não se rendeu à cidade, ela continuou analfabeta, ela continuou vestindo roupa de sertaneja, ela continuou fazendo coco no cabelo, ela continuou falando do jeito do povo e continuou com as memórias dela do sertão, então a minha avó era a principal responsável por histórias de todo tipo, história de carochinha, história sertaneja, anedota de sertão, a parte ficcional mesmo ao lado dos livros que meu pai me dava.

Em paralelo, a questão da leitura realizada por meio dos livros, quero trazer uma pequena discussão sobre a questão da oralidade, mesmo não sendo interesse imediato deste trabalho. Entretanto, a fala da professora Luiza remete à importância também da oralidade como fonte inesgotável de conhecimento e resistência de uma cultura. Assim à parte a leitura realizada em livros, existe a leitura em si, que subsiste a hegemonia da escrita.

Esse aspecto da leitura diz respeito às experiências coletivizadas de um povo que se arquitetou não só pela coisa escrita, mas pela totalidade da representação psicossocial das coisas e do mundo. Mais uma vez trago o poeta mineiro que traduziu como ninguém essa condição nossa de estranha construção e desconstrução do mundo, das pessoas e das coisas em redor (DRUMMOND, 1992: 13-14): “Mundo mundo vasto mundo, / se eu me chamasse Raimundo / seria uma rima, não seria uma solução. / Mundo mundo vasto mundo, / mais vasto é meu coração”.

A oralidade não pode ser comparada a uma página em branco a ser escrita por esse ou aquele escritor, pois ao meu ver representa a infinitude das coisas não escritas e não comportáveis na escrita pela sua ilimitação. Para mim a oralidade é, por assim dizer, o magnífico “Livro de Areia” de Borges (1976) portador de infinitas e múltiplas linhas de tempos, num contínuo crescente de temporalidades vertiginosas, divergentes, convergentes e paralelos.

Na minha concepção, Borges na sua sede implacável de infinitos e na tentativa de fazer convergir o oral e o escrito, cria o Livro de Areia de páginas incontáveis. É uma metáfora fascinante da incompletude existencial e da permanência humana na busca da completude por

meio da leitura, hoje, lugar por excelência da aventura na arte de decifrar a humanidade e seus motivos.

Assim, o livro de Borges é cíclico e atemporal a um só tempo porque está aberto a amplas possibilidades, inclusive, a de amalgamar o oral e o escrito num livro circular, eterno cuja página última é sempre o início da trama.

Quer algo mais “total” do que o Livro de Areia do escritor argentino? Só a oralidade, pois é uma trama que sequer temos noção de como se gerou e assim mesmo é capaz de fazer a aproximação dos tempos, obrigando-os a um... Digamos assim, a um entroncamento das experiências díspares na ordem de eras que lá se vão.

Não é à toa, que as narrativas antigas se iniciavam por “Era uma vez”, onde fica o Era uma vez? Em que lugar da memória ele se esconde? Só a imaginação e a memória podem alcançar, podem fazer a convergência, pois são as ferramentas por excelência desse nosso Livro de Areia, que cada um insiste em ler com o seu olhar único de decifrador de enigmas, cuja mensagem final é a resposta de seu “sê” no mundo.

PALAVRAS FINAIS – PAIXÃO E INQUIETAÇÃO: A ORDEM DOS LIVROS

“Assim sendo, a realização de um trabalho de Pós-Graduação exigirá muita dedicação ao estudo, à reflexão, à investigação. Exigirá muita leitura, muita participação nos debates, formal ou informalmente promovidos. Ele só se concretizará e amadurecerá na medida em que o pós-graduando criar um contexto de vida científica sistemática, mantida com insistente perseverança, sempre em busca de uma imprescindível fundamentação teórica, tanto científica como filosófica”. (SEVERINO, 2002).

O que resta concluir com esta pequena tentativa de construção do conhecimento científico? Antes de tudo, considero o caráter “experimental” deste trabalho assinalando duas posturas assumidas durante todo esse percurso.

A primeira postura é a percepção quanto à “produção científica”, que vai ao encontro da citação que abre este tópico, ou seja, o “fazer conhecimento científico” exige do pretense pesquisador uma atitude de cuidadoso e constante preocupar-se com a busca de um referencial teórico capaz de dar minimamente conta de seu “objeto de estudo” e uma predisposição no sentido de dedicar-se com afeto e zelo a sua problemática em questão, portanto são necessárias três coisas no dizer de Severino: a) dedicação ao estudo, à reflexão e à investigação; b) muita leitura e participação nos debates; c) criação de um contexto de vida científica sistematizada e organizada.

A segunda postura assumida foi à certeza de que estava tateando numa área que apesar de ter um íntimo contato que é a leitura, este contato tem como marca d’água o “amadorismo”, isto é, sou amante da leitura como os colaboradores desta pesquisa, e enquanto tal sou leitora voraz, mas não sou “especialista na leitura” se é que assim posso me referir.

Isso reconhecido indica a condição peculiar deste trabalho: ele serviu a um só tempo para me colocar de frente com a pesquisa científica e com o referencial teórico que abrange de um certo modo a área de leitura entrelaçada com outras áreas do conhecimento – história e memória – fazendo com que saísse da situação de amadora, transformando-me por um certo espaço de tempo em “tecelã do conhecimento científico” – se não for pretensioso assim me qualificar – ora, esta experiência possibilitada por este trabalho me encantou a tal ponto que pretendo dar continuidade a ele em um trabalho de fôlego mais amplo.

Quero a partir de agora apontar alguns pontos de convergência ou divergência percebidos nos discursos dos leitores e leitoras entrevistadas com relação as suas práticas de leituras e a sua iniciação no mundo da leitura propriamente dito, e também, destacar os livros que foram apontados como livros de “formação”, assim abaixo elenco uma série de constatações feitas no término do trabalho.

Os leitores que se encontram na faixa etária da “melhor idade” declaram em seus depoimentos que aprenderam a ler e escrever em suas famílias de origem, destacando que seus pais, apesar de condição social humilde, tinham gosto em ver as filhas estudando e se esforçaram com esse objetivo. Tiveram seu contato mais intenso com o mundo da leitura nos Colégios onde estudaram o 2º grau, a professora Carmem Silvia confessa:

Foi lá do “Justiniano” que peguei gosto de verdade pelo ato de ler”; a jornalista e professora Adísia Sá enfatiza: “trocávamos revista no Colégio Imaculada, colégio que eu gostava mais daqui.

A professora Luiza Teodoro sinalizou a importância do pai nesse processo. A jornalista Adísia Sá reconhece a importância dos irmãos mais velhos na sua iniciação no ato de ler afirmando que:

“Como eu lhe falei esses livros foram importantes pra mim e no colégio Imaculada a gente lia aqueles livros de formação interessante sobre os Santos, aquela coisa toda, mais a leitura vindo também pelos livros dos meus irmãos, eles eram alunos muito prendados alunos do Liceu, do Jáder de Carvalho, então eu lia muito os livros deles de muita orientação marxista.”.

O tipo de leitura que a professora Carmem Silvia realizou ia desde a literatura brasileira (Machado de Assis, Bernardo Guimarães, José de Alencar e outros); os clássicos da literatura mundial (Camões); os contos de fada como os contos dos Irmãos Grimm, a Cinderela, a Gata Borracheira, o Pequeno Polegar, a Branca de Neve e os Sete Anões, Pele de Asno; os livros que falavam do folclore brasileiro como as lendas: Iara, a mãe d’água; Saci Pererê; o Negrinho do Pastoreio, Caipora e tantas outras, também eram lidas por ela para seus alunos; os jornais (o Estado, O Unitário, o Povo); a Bíblia até ao Dicionário.

Já a professora Adísia Sá iniciou lendo histórias em Quadrinhos como as aventuras do Tarzan, de Mandrake, do Príncipe Submarino; literatura brasileira como:

As Aventuras de Tibiquera de Érico Veríssimo; “O Coração” de Edmundo Camite; livros de orientação moral e cristã como “Krestomatia” e “Imitação de Cristo; livros de orientação marxista e comunista; livros científicos e filosóficos de “Newton”, “Scarpa”, “Sócrates”, “Euripedes” e na Faculdade leu muito livros de filosofia pura.

As leituras da professora Carmem Silvia podem ser classificadas como “leituras de literatura brasileira e mundial” (autores brasileiros e internacionais como José de Alencar e Camões, Virgílio), leitura de informação (jornal), leitura de orientação moral e cristã (a Bíblia), leitura de lendas e estórias infantis de contos de fadas; leitura de literatura popular (literatura de

cordel); Já a professora e jornalista Adísia Sá acrescentou a todas estas – menos a literatura de Cordel e leitura de lendas e estórias infantis de contos de fadas – , a literatura de cunho científico (livros de orientação filosófica e da área de jornalismo em que atuou e ainda atua como articulista do jornal “O POVO”);

A maioria dos entrevistados não tem com quem partilhar suas leituras, a exceção do poeta Manoel César e da escritora Nilze Costa, que reconhecidamente afirmam ser a leitura, além do amor, a ponte que os une em trinta anos de casados:

Não temos receio de afirmar que a leitura nos aproximou e claro dentro tanta coisa boa, que vivemos juntos continua-nos ligando um ao outro.

Os outros leitores mesmo admitindo que não tinham com quem partilharem suas leituras, isto é, discutirem e comentarem os livros, nunca deixaram de ter uma postura crítica diante deles.

Ao exercer uma prática de leitura silenciosa em sala de aula, porque não era comum a prática da leitura coletiva, a professora Carmem Silvia enfatiza que,

Não havia discussões e debates sobre os textos, unicamente os livros eram lidos para cumprir as tarefas escolares, uma vez que depois tinham as fichas de leituras para serem respondidas e os assuntos dos livros caíam nas provas.

A mencionada professora desenvolveu a prática de ler e contar estórias de Lendas, Contos de Fadas para os seus alunos, Literatura de Cordel e a Bíblia para os seus pais; já a professora e jornalista Adísia Sá tinha um grupo de discussão dos livros de faculdade que se constituíam nos seus colegas de curso de Filosofia, como fala:

Então os professores citavam o livro eu comprava o livro, estudava e os meus colegas iam pra lá não porque tivessem o livro, mais para que eu falasse sobre o que eu tinha lido, então isso foi aí foi muito importante o meu grupo de filosofia pura né, o Tarcísio Fernando de Lima, a Lione Benevides, o Osmar Diógenes era um grupo muito pequeno e nós estudávamos bastante, o Osmar chegou quase no final do nosso curso, e ali nós estudávamos bastante, nós estudávamos bastante filosofia pura, filosofia pura principalmente.

Sobre os livros lidos e considerados de formação pelos leitores e leitoras entrevistadas tem-se que as duas alunas de ensino médio relataram que,

Geralmente lêem livros recomendados pelos professores de Literatura, mas que freqüentam a Biblioteca da Escola e tentam “pegar” os clássicos brasileiros.

Retorno ao depoimento da professora Carmem Silvia, que:

Lembra-se das leituras de suas colegas, que as amigas do Colégio liam os livros sugeridos pelos professores que eram as leituras didáticas, os clássicos da literatura brasileira como Machado de Assis, Olavo Bilac, Eça de Queirós, Joaquim Manuel de Macedo. Liam, também Camões, Eça de Queirós. Leituras de orientação moral como Imitação de Cristo. Livros sobre a vida dos santos. Enfim toda uma gama de literatura que o colégio exigia como textos sobre a área pedagógica e didática.

As leituras de formação relacionadas pelos leitores e leitoras entrevistadas constituíram o seguinte acervo coletivo:

1. “Memorial de Aires” de Machado de Assis;
2. Bernardo Guimarães (O Seminarista);
3. O Guarani, A Pata da Gazela, Senhora, Lucíola (José de Alencar);
4. Todos os livros de Monteiro Lobato;
5. Capitães de Areia, Gabriela e Tereza Batista Cansada de Guerra (Jorge Amado);
6. A Odisséia (Homero);
7. Eneida (Virgílio);
8. Toda a poesia de Camões;
9. Literatura de Cordel;
10. Bíblia;
11. Dicionário da Língua Portuguesa;
12. Os jornais (O Estado, O Unitário, O Povo; O Diário do Nordeste);
13. Os contos de fada: a Cinderela, a Gata Borralheira, o Pequeno Polegar, a Branca de Neve e os Sete Anões, Pele de Asno;
14. As lendas: Iara, a mãe d’água; Saci Pererê, o Negrinho do Pastoreio, Caipora;
15. História em quadrinhos do Globo, do Guri, aventuras do Tarzan, de Mandrake, do Príncipe Submarino;
16. A Metamorfose (Franz Kafka);
17. As Aventuras de Tibiquera (Érico Veríssimo);
18. O “Coração” (Edmundo Comitê);
19. “Krestomatia”;

20. “Obras Primas da Literatura Mundial”, em destaque “Newton”, “Scarpa”, “Sócrates”, “Eurípides”;
21. A Ilíada (Homero);
22. Todos os livros de Manuel Bandeira;
23. Antologia Poética de Carlos Drummond de Andrade;
24. Os livros de Manoel de Barros, o poeta amazonense;
25. Os livros de Rubem Alves;
26. Noites Brancas e Crime e Castigo (Dostoievski);
27. “D. Quixote de La Mancha” de Cervantes;
28. “A Inocência” de Visconde de Taunay;
29. “O Quinze” de Raquel de Queiroz;
30. Todas as obras de Raquel de Queiroz;
31. “A Carne” de Júlio Ribeiro;
32. “A Normalista” de Adolfo Caminha;
33. Os livros de pe. Zezinho;
34. Livros de formação cristã;
35. Todos os livros de Ana Maria Machado;
36. Os livros de Ruth Rocha e Ligia Bojunga Nunes;
37. Castro Alves, Augusto dos Anjos;
38. Vinícius de Moraes e Cecília Meirelles;
39. Contos de Machado de Assis, Rubem Braga;
40. Moreira Campos;
41. Os poetas cearenses: Sinésio Cabral, Francisco Carvalho, José Alcides Pinto, Artur Eduardo Benevides;
42. Os livros de Eça de Queirós;
43. Fernando Pessoa;
44. Leon Tolstói;
45. Éramos Seis;
46. “Livro dos Prazeres” de Clarice Lispector;
47. “A Louca da Casa” de Rosa Monteiro
48. Livros de orientação marxista, moral e cristã e na área de Filosofia.

Ao me propor trabalhar com a “narrativa oral” pensava no leque de memórias que escorreriam facilmente das falas e que conduziria a uma construção do universo pessoal e social em que historicamente vivem os leitores e leitoras que entrevistei. Queria promover um diálogo entre a memória e a vida, com este sentido adentrei, pois o mundo da história oral que no dizer de Montenegro (1994:151) tem como matéria a memória desencadeando-se a partir da relembração dos fatos e acontecidos da história de vida dos envolvidos na pesquisa como entrevistados.

Tinha elaborado um roteiro de entrevista que constava basicamente de três perguntinhas norteadoras e que procuravam dar conta do objeto de estudo, quais sejam: 1) como se deu seu percurso existencial como ser histórico e social? 2) como a leitura foi ao longo de sua existência tornando-se parte essencial na sua forma de ver e entender o mundo? 3) que leituras você destaca como sendo àquelas de formação numa perspectiva de Calvino? (Para esta última pergunta explicitarei a abordagem de Calvino acerca das leituras de formação).

A partir destas perguntinhas norteadoras tencionei coletar pistas documentais de como se deu a relação dos entrevistados e das entrevistadas com a leitura, tendo claro que os fatos e acontecidos narrados por elas tinham significação social, posto que a memória individual se entrelaça com a memória coletiva.

Este trabalho se configurou numa tentativa de traçar alguns fios de interseção entre as práticas de leituras, as condições de produção e o engendramento social desta e a relação do leitor com a leitura, apontando algumas conclusões que gostaria de dar destaque:

1. A prática de leitura individual não nasce no vazio ela se dá num determinado contexto social e econômico. Na fala das nossas entrevistadas é perceptível que apesar de nascerem em famílias humildes, aprenderam a ler e escrever em suas respectivas casas;
2. A família detém uma centralidade neste processo, não raros leitores e leitoras afirmaram que os pais foram fundamentais para a sua inserção no mundo da leitura;
3. É importante o partilhamento da leitura com outras pessoas, pois é na prática social coletiva que o enunciado lido ganha sentido;

4. A escola assume um papel determinante no processo de prática de leitura, na entrevista tanto a professora Carmem Silvia como a jornalista e professora Adísia Sá reconheceram que aprenderam mesmo a “gostar de ler” foi na escola onde estudaram;
5. Os professores precisam estimular os seus alunos a lerem, os alunos entrevistados do Ensino Médio, concordaram que aprenderam a gostar de ler por intermédio de seus professores de Literatura;
6. A família se constitui numa feliz incentivadora do ato de ler, no depoimento da professora Carmem Silvia ela relata com prazer que lia Literatura de Cordel e a Bíblia para os seus pais, pois eles adoravam; com a jornalista Adísia Sá foram os irmãos mais velhos que a instigaram a ler;
7. Uma vez incorporado o ato de ler, ele se constitui em prática para a vida toda, até hoje a professora Carmem Silvia é uma voraz leitora, quanto à jornalista e professora Adísia Sá além de leitora transformou-se em escritora, bem como, os escritores Manoel César e Nilze Costa;
8. A relação leitor-texto não se dá de forma passiva e acabada, é revelador o depoimento da jornalista Adísia Sá ao colocar que com o tempo foi “seleccionando as minhas leituras, ou seja, o leitor vai se aprimorando e passa a seleccionar àquilo que deseja ler e que obviamente vai lhe acrescentar algo com a leitura”;
9. A relação leitor-texto à medida que se intensifica se fortalece, como se vê pelo depoimento da jornalista Adísia Sá: “de maneira que nunca mais me afastei da leitura, a leitura pra mim é uma necessidade, é uma necessidade”.
10. A leitura é reconhecida como parte fundamental da vida dos entrevistados que interagem com o texto, dando significação pessoal e social ao mesmo, para D. Carmem Silvia: “Foi através da leitura que eu encontrei o meu lugar no mundo”.
11. A relação leitor – autor – texto não se esvazia, e sim amplia as possibilidades de interpretação e reflexão do estar no mundo e do transformar o mundo, contribuindo para a sociabilidade das pessoas, como diz D. Carmem: “Foi através da partilha do que eu lia sozinha ou em grupo com as pessoas que amavam a leitura é que eu me encontrei no mundo”.

Desde o início do trabalho, que por ora, tento encerrar venho reiterando o caráter embrionário desse estudo, seja porque me guia a lucidez de que preciso me aprofundar mais em temas cruciais que me interessam particularmente como leitura, história e memória, seja porque a amplitude do estudo aqui efetuada é relativamente pequena.

Tenho tateado até agora? Sim, tenho. Tateado nesse reino de angústia e febre que é a construção do conhecimento científico, mas este tatear é translúcido, capacidade de quem conhece as manhas do “fazer conhecimento científico” e que sabe como ninguém que muito tem que caminhar, um caminho cheio de pedras com certeza, mas não menos cheio de desafios, de uma coisa tenho certeza: estou tentando conhecer algo que me instiga, que me força ao desvendamento não por vaidade de um título a mais na prateleira, sim por saber que preciso conhecer fundo àquilo que amo: o ato inextricável de ler, de se debruçar sobre as coisas, de decifrar a existência, enfim de exercer o ato de cidadania da leitura da *palavramundo* no sábio dizer de Paulo Freire.

Como de fato, é sempre mais difícil dá o arremate final da obra do que iniciar o primeiro ponto. Deixo aqui o seguinte questionamento: e se o leitor nada mais for do que um posseiro ilegítimo de terras e arados que outras pessoas cultivaram? É, pelo visto esta resposta não será respondida tão cedo, contudo se assim as coisas podem lhe parecer, deixo minha mensagem final: seja inteligente e sensível, pegue o próximo livro da esquina da vida e se apossar você também desse Livro de Areia que somos todos nós.

Afinal, o maior ato de desvendamento constitui-se em verdade, na capacidade de decifrar e esmiuçar o eu de cada um. Neste sentido, nasceram todas as coisas e morreram e ressuscitaram, qual Fênix. Resta o quê? Vigiar e ler. Ler... Ler... Ler muito como a orientação da qual falou a professora Edna, enquanto isso, ofereço como mimo final de extrema sensibilidade, o poema do heterônimo de Fernando Pessoa, Ricardo Reis (escrito em 31 de julho de 1930):

“SERENO AGUARDA o fim que pouco tarda.
Que é qualquer vida? Breve sóis e sono.
 Quanto pensas emprega
 Em não muito pensares.
Ao nauta o mar obscuro é a rota clara.
Tu, na confusa solidão da vida,
 A ti mesmo te elege

(Não sabes de outro) o porto”. (REIS apud LOPES, 2003: 129)

FONTES UTILIZADAS

Quando tive a idéia desta pesquisa, pensei em como obter as informações necessárias a este trabalho. De início achei que ia ser muito difícil, pois precisava de tempo e mais do que isto precisava do tempo das pessoas, uma vez que era das suas narrativas orais que basicamente se formava o material empírico.

Assim, encetei um processo de minuciosa seleção dos entrevistados, uma vez que a única pré-condição estabelecida era que fossem leitores. Daí que, também fui “puxando” da minha memória as lembranças que me levaram as pessoas de meu convívio que em outros momentos pude observar praticando avidamente o ato de ler e que davam testemunho da importância da leitura em suas vidas. Como já falei outros entrevistados eu conheci no percurso e alguns têm uma estreita relação comigo. Com esse cuidado iniciei as entrevistas com vinte “leitores”. Apenas dois não moram aqui em Fortaleza: a professora Edna e a escritora carioca Cláudia Ramos. Abaixo, a tabela que elaborei de entrevistados:

Quadro 01 – relação dos entrevistados

Nome dos entrevistados	Perfil dos entrevistados	Data e local das entrevistas
01. Carmem Silvia	Professora aposentada	Agosto de 2003, residência da entrevista.
02. Adísia Sá	Professora universitária e Jornalista	Agosto e setembro de 2003, residência da Professora Adísia Sá no bairro Papicu.
03. Professora Luiza Teodoro	Professora universitária aposentada	14 de fevereiro de 2004, em sua residência no centro da cidade de Fortaleza.
04. Mônica Ferreira de Abreu	Aluna de ensino médio	01 de março de 2005, na sua residência no Montese.
05. Josinete Lopes de Sousa	Professora Universitária	21 de dezembro de 2004, ma sua residência no Mucuripe
06. Maria Luzia Alves Jesuino	Professora da rede pública estadual	16 de janeiro de 2005, em sua residência no Lago Jacarey.

07. Edna Gomes	Professora universitária	Novembro de 2004, na sede da ADUFC.
08. Matilde Cavalcante	Pedagoga e contadora de estórias	Novembro de 2004, na sala de aula do campus do Benfica

Continuação do Quadro 01 – relação dos entrevistados

09. Nilze Costa e Silva	Escritora cearense	23 de janeiro de 2005, em sua residência na Água Fria.
10. Manoel César	Poeta cearense	23 de janeiro de 2005, em sua residência na Água Fria
11. Francisco Bento Filho	Poeta cearense	12 de fevereiro de 2005, em sua residência no lago Jacarey.
12. Ana Cláudia Ramos	Escritora carioca	Novembro de 2004, no auditório do CEFET em Fortaleza.
13. Luis Jonas Silva	Aluno do ensino médio	22 de fevereiro de 2005, em sua residência na Parangaba.
14. Alessandra Dias	Psicóloga	03 de março de 2005, em sua residência na cidade dos funcionários.
15. Lino Araújo	Professor aposentado	06 de março de 2005, em sua residência no montese.
16. Luziene Pereira da Costa	Pedagoga	10 de fevereiro de 2005, em sua residência na Itaoca
17. Antônio do Nascimento	Profissional liberal	22 de março de 2005, em sua residência no Bom Jardim.
18. Genira Abreu Leitão	Comerciaria	06 de fevereiro de 2005, em sua residência na cidade dos funcionários.
19. Edvar Ramos de Barros	Professor aposentado da rede pública estadual de ensino.	13 de março de 2005, em sua residência na Bela Vista.
20. Alberto Pereira Gadelha	Professor da rede pública de ensino de Fortaleza.	23 de março de 2005, no Col Mun. Filgueiras Lima.

Permito-me ainda registrar a importância de dois eventos que abordaram a temática leitura e que foram de sua importância no delineamento da presente pesquisa: o primeiro foi o II Seminário de Leitura e Formação do Leitor, realizado nos dias 29 e 30 de julho de 2004, cuja temática abordada foi crucial para compreensão da leitura enquanto espaço de amplas representações e construção social. O segundo foi o encontro do PROLER, que foi fundamental para o contato com os entrevistados e para a discussão sobre a leitura enquanto prática social.

Além dessas entrevistadas, quero deixar registrado, aqui, as contribuições das seguintes pessoas para a efetivação deste trabalho:

Quadro 02 – Registro das contribuições

Nomes	Perfil e comentários
Lídia Eugênia Cavalcante	Professora universitária e coordenadora do Perfil e comentários. Suas aulas foram fundantes no sentido de oferecer subsídios para a temática abordada. Além de ser uma leitora de mundo e de gentes fascinante. As aulas da professora Lídia foram de crucial importância para o trabalho aqui efetivado, pois permitiu o seu nascedouro e conduziu, muito bem, as nossas reflexões sobre o objeto de estudo.
Denílson Albano Portácio	Professor da rede pública estadual de ensino. Foi professor do curso de especialização em Leitura e Formação do Leitor. Através de nossos diálogos sobre a relação leitor e leitura, pude refletir melhor sobre a perspectiva adotada no trabalho, redimensionando-a.
Professora Nancy Nóbrega	As aulas da professora Nancy Nóbrega foram fundamentais para a discussão acerca da construção de acervos. Suas reflexões em sala de aula subsidiaram a construção do acervo coletivo das leituras de formação dos entrevistados.
Professora Fátima Araripe	As aulas da Professora Fátima Araripe foram essenciais, pois a discussão realizada em sala de aula sobre a História de vida, bem como, a História oral ajudou a pensar o referencial metodológico adotado nesta pesquisa.

Professora Edna Gomes	Além de ter entrevistado a professora Edna Gomes, quero deixar registrado a importância de suas aulas para o rumo tomado na pesquisa. A discussão realizada em sala de aula sobre a questão da leitura e da relação leitor e livro foi de fundamental importância para pensar o referencial teórico adotado nesta pesquisa
-----------------------	--

Quadro 3 – Acervo das leituras de formação ¹⁸

LITERATURA BRASILEIRA	
AUTOR	OBRA
Machado de Assis	Memorial de Aires, Dom Casmurro e Contos
José de Alencar	O Guarani, A Pata da Gazela, Senhora, Lucíola, entre outros
Monteiro Lobato	Toda a obra
Bernardo de Guimarães	O Seminarista
Jorge Amado	Capitães de Areia
Érico Veríssimo	As Aventuras de Tibiquera
Joaquim Manuel de Macedo	A Moreninha
Visconde de Taunay	A Inocência
Raquel de Queiroz	Toda a obra
Júlio Ribeiro	A Carne
Adolfo Caminha	A Normalista
Clarice Lispector	Livro dos Prazeres
Euclides da Cunha	Os Sertões
Rosa Monteiro	A Louca da Casa
Rubem Braga	Contos
Moreira Campos	Contos
Manuel Bandeira	Toda a obra poética
Carlos Drummond de Andrade	Antologia Poética
Luis Vaz de Camões	Lusíadas
Manoel de Barros	Toda a obra

¹⁸ Este acervo foi construído pela pesquisadora a partir dos depoimentos dos entrevistados.

Castro Alves	Navio Negreiro
Augusto dos Anjos	Eu
Olavo Bilac	Antologia
Fernando Pessoa	O Eu Profundo e os outros Eus
Vinícius de Moraes	Antologia Poética
Cecília Meirelles	Retrato
Sinésio Cabral (Cearense)	Poemas
Francisco Carvalho (Cearense)	Poemas
José Alcides Pinto (Cearense)	Poemas
Artur Eduardo Benevides (Cearense)	Poemas
Patativa do Assaré (Cearense)	Cante lá que eu Canto cá

Continuação do Quadro 3 – Acervo das leituras de formação ¹⁹

LITERATURA UNIVERSAL	
AUTOR	OBRA
Homero	Iliada e Odisséia
Virgílio	Eneida
Franz Kafka	A Metamorfose
Dostoievski	Noites Brancas e Crime e Castigo
Miguel de Cervantes	D. Quixote
Leon Tolstoi	Guerra e Paz
Eça de Queirós	Toda a obra
Albert Camus	O Estrangeiro

Quadro 04– Acervo das leituras de formação (outros gêneros)

OUTROS GÊNEROS	
AUTOR	OBRA
Pe. Zezinho	Obra completa
-	Bíblia

¹⁹ Este acervo foi construído pela pesquisadora a partir dos depoimentos dos entrevistados.

-	Biografia dos santos
-	Formação moral cristã
-	
Ana Maria Machado	Obra completa
Lígia Bojunga Nunes	Toda a obra
Ruth Rocha	Toda a obra
Irmãos Grimm	Toda a obra
Perrault	Toda a obra
Cristian Hadersen	Toda a obra
Rubem Alves	Livros de orientação pedagógica
-	Lendas do folclore brasileiro
-	Jornais: O Povo, O Unitário, O Diário do Nordeste
-	História em quadrinhos: Revista O Globo, O Guri, Aventuras de Tarzan, de Mandrake, O Príncipe Submarino
-	Dicionário da Língua Portuguesa

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Marco Antônio de. **O Personagem Livro**. Apresentado no Congresso da Intercom, Texto mimeo. São Paulo, 2001.

BENJAMIN, Walter. **O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: Obras escolhidas vol. I - magia e técnica, arte e política, São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 198.

_____. Benjamin, Walter. **Obras escolhidas vol. II - Rua de mão única**. São Paulo, Brasiliense, 1987, p.235.

Borges, Jorge Luís. **O Livro. In: Cinco visões pessoais**. Brasília, Editora da UNB, 1985, p. 10.

_____. **Poema dos dons. In: O fazedor**. São Paulo, Difel, 1984, p. 49/50.

_____. **A Biblioteca de Babel. In: Ficções**. Porto Alegre, Globo, 1976, p. 67/68.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. 3ª edição – São Paulo: companhia das letras, 2003.

CALVINO, Ítalo. **Porque Ler os Clássicos?**; Tradução Nilson Moulin. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 279p.

_____. **Se um viajante numa noite de inverno**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982, p. 314.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano: morar, cozinhar**; tradução de Epfrain Ferreira Alves e Lúcia Endlich. – Petrópolis, R.J: Vozes. Vol. 01. 2003. 5ª Edição. 351p.

_____. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**; tradução de Epfrain Ferreira Alves. – Petrópolis, R.J: Vozes. Vol. 01. 2003. 9ª Edição. 351p.

_____. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CÉSAR, Manoel. **A poesia ainda existe**. Fortaleza: SECULT, 1983.

CHARTIER, ROGER. **A ordem dos livros**. Brasília: UNB, 1994.

_____. CAVALLO; Guglielmo (org). **História da Leitura no Mundo Ocidental**. Vol. 01. Tradução de Fulvia M.L. Loretto (italiano), Guacira Marcondes Machado (francês) e José Antônio de Macedo Soares (inglês) e Cláudia Cavalcanti (alemão). Editora Ática, São Paulo, 1999.

_____. **História da Leitura no Mundo Ocidental**. Vol. 01. Tradução de Fulvia M.L. Loretto (italiano), Guacira Marcondes Machado (francês) e José Antônio de Macedo Soares (inglês). Editora Ática, São Paulo, 2002.

DRUMMOND, Carlos de Andrade. **Antologia Poética**; organizada pelo autor, - 28ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 1992.

ECO, Umberto. **O texto, o prazer, o consumo** In: Sobre os espelhos e outros ensaios. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Editora Nova Fronteira S. A. Rio de Janeiro, 1988.

GADOTTI, Moacir. (org) **Paulo Freire: uma bibliografia**. Cortez editora, São Paulo, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: vértice, 1990. p. 25-89.

HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX(1914-1991)**. São Paulo: companhia das letras, 2004.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 3ª edição. Campinas: Unicamp, 1994. P. 423-477.

_____. & NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

LOPES, Teresa Rita. **Os melhores poemas de Fernando Pessoa**/seleção de Teresa Rita Lopes. – 11º edição. – São Paulo: Global, 2003.

MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura**; tradução de Pedro Maia Soares. – São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 2ª Edição. 405 p.

_____. **Uma história da leitura**. São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p. 277.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, v. 10, n. 10, dez. 1993.

PESSOA, Fernando. **O eu profundo e os outros eus: seleção poética**; seleção e nota editorial [de] Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

YUNES, Eliana. **Pensar a leitura: complexidade**. Loyola: PUC-Rio de Janeiro, 2002.

_____. **Pelo avesso: a leitura e o leitor**. Revista Letras, n. 44, Curitiba: Ed. da UFPR, p. 185-196, 1995.

SÁ, Adísia. **Capitu conta Capitu**. Fortaleza, 1992.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 14ª edição. São Paulo: Cortez Associados, 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 1993.

SOUSA, Simone de; GONÇALVES Adelaide (orgs). **Uma Nova História do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. 448p.